

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 3

Março de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*  
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL  
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

## O exercito espanhol

**Reformas do ministro da guerra, general Echague, e as**

Já estava composto o presente numero quando no Parlamento foi lida pelo Governo a declaração de guerra feita ao nosso país pela Alemanha.

Por tal motivo só no proximo numero nos podemos referir a este acontecimento.

como, caído o ministerio, o novo ministerio tem procurado resolver o problema de reorganização do exercito.

O general Echague, em virtude do decreto de 6 de novembro de 1915, era autorizado a apresentar ao parlamento as bases (em numero de 119) duma completa reorganização do exercito.

Em primeiro lugar vinha a criação do *estado maior central do exercito*, que era encarregado de tratar de todas as ques-

<sup>1</sup> Veja o n.º 11 — novembro de 1915 — da *Revista Militar*.

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 3

Março de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*  
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL  
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

## O exercito espanhol

**Reformas do ministro da guerra, general Echague, e as do actual ministro, general Luque. Os vicios organicos do exercito espanhol; suas causas e efeltos; o que fazem do exercito os politicos.**

De todos os nossos leitores são conhecidos os projectos de reorganização do exercito espanhol apresentados ao parlamento pelo ex-ministro da guerra, general Echague, Aqui, na *Revista*, foi apresentado um resumo desses projectos, que se acham consubstanciados no discurso do conde de Romanones, quando tais projectos se discutiram no Congresso <sup>1</sup>. Tambem de todos é sabido que foi a discussão desses projectos que fez cair o governo espanhol da presidencia de Dato, sendo organizado um novo ministerio sob a presidencia do conde de Romanones, que tinha sido o que mais energicamente atacou Dato a proposito da reorganização do exercito.

Vejâmos, tambem resumidamente, em que consistiam esses projectos, quais os pontos em que foram atacados pelos diversos deputados das diferentes parcialidades politicas, e como, caído o ministerio, o novo ministerio tem procurado resolver o problema de reorganização do exercito.

O general Echague, em virtude do decreto de 6 de novembro de 1915, era autorizado a apresentar ao parlamento as bases (em numero de 119) duma completa reorganização do exercito.

Em primeiro lugar vinha a criação do *estado maior central do exercito*, que era encarregado de tratar de todas as ques-

<sup>1</sup> Veja o n.º 11 — novembro de 1915 — da *Revista Militar*.

tões militares de caracter tecnico, pertencendo ao ministro da guerra as questões de administração das tropas, comandos e direcção do exercito, visto ser o ministro, segundo a constituição, o unico responsavel perante o parlamento.

Ao estado maior central competiria estudar os processos estrategicos; a orientação a dar á instrução militar; planear os exercicios e manobras a realizar pelas diversas grandes unidades; ilustrar tecnicamente os officiais; criar a unidade de doutrina; estudar os provaveis teatros de operações, nomeando o pessoal necessario para esses estudos; estudar o sistema de recrutamento e repartição do contingente anual; fazer a distribuição das guarnições, sob o ponto de vista estrategico e da mobilização; a melhor distribuição dos depositos de fardamento, armamento e equipamento e diverso material de guerra; estudar a organização militar dos transportes, examinando as linhas ferreas e transformações a fazer; organizar um plano dos serviços da retaguarda e linhas de etape; formular um plano geral da mobilização das industrias, adaptando-as ao fabrico de material de guerra e artigos para o exercito; organizar os serviços de estatistica e reunir todos os documentos historicos das campanhas para se escrever a sua historia; etc., etc.

O *chefe do estado maior central* seria um tenente-general ou general de divisão, que devia ser nomeado por um decreto, depois de uma resolução do conselho de ministros e sob proposta do respectivo ministro da guerra.

O *estado maior central* era dividido em duas *direcções*, cada uma tendo como chefe um general de brigada; e cada direcção compreendia varias *repartições*, tendo como chefes coroneis ou tenente-coroneis.

Além das duas direcções, haveria uma *secretaria*, dependendo directamente do chefe, e tendo a seu cargo o pessoal, a parte administrativa, a correspondencia, registos e arquivos.

No caso de mobilização, todos os elementos da 2.<sup>a</sup> direcção entrariam na composição dos estados maiores dos diferentes quartéis generais, emquanto que a 1.<sup>a</sup> direcção ficava junto do ministro.

O chefe do estado maior central despachava directamente com o ministro da guerra; e era por intermedio do ministerio da guerra que se dirigia ás diferentes autoridades, pedindo-lhes todos os elementos necessarios para os trabalhos daquele

centro: mas não podendo enviar ordens com caracter executivo.

O estado maior central fazia parte da administração central e dependia directamente do ministerio da guerra.

Além do estado maior central, era criado o *conselho superior do exercito* em cuja constituição entravam o ministro da guerra, como presidente; o chefe do estado maior central e dois ex-ministros da guerra, que seriam propostos pelo respectivo ministro, e que seriam substituidos logo que houvesse mudança de ministro.

Resalta da composição destes dois importantes organismos do exercito que as suas funções eram muito limitadas pela acção do ministro da guerra, que os considerava como tendo mero caracter consultivo.

Pelo decreto anteriormente citado, era ainda o general Echague auctorizado a reorganizar as diferentes armas e serviços, a reduzir os quadros dos generais e officiais, a alterar a divisão territorial, a reduzir o elemento burocratico, a criar uma escola superior de officiais, a reorganizar a 2.<sup>a</sup> reserva, a criar os inspectores das armas e serviços, etc.

Eram suprimidas as brigadas de caçadores, distribuindo-se um batalhão por cada divisão, passando esta unidade a constituir a grande unidade organica fundamental.

Eram dissolvidas todas as charangas e metade das musicas (sacrificando-se o agradavel ao util), uma por brigada.

Ficaria havendo 56 regimentos de infantaria, formando 14 divisões a 2 brigadas. Cada regimento teria 2 batalhões efectivos e os quadros de um 3.<sup>o</sup> batalhão, ao qual pertencerião as praças que passassem á segunda situação do serviço activo, Cada regimento teria uma companhia de metralhadoras a 3 secções, cada uma com 4 peças. Os 14 batalhões de caçadores seriam a 5 companhias, sendo uma de ciclistas (adoptando-se as maquinas articuladas), e tendo cada um mais uma secção de metralhadoras.

A cavalaria teria 29 regimentos com 4 esquadrões activos e um de deposito. Os regimentos grupar-se-iam em brigadas de 3 regimentos, formando duas delas uma divisão independente.

Eram criados 14 regimentos de reserva, ficando a cargo do seu pessoal o serviço do recenceamento de animais e veiculos.

A artilharia seria constituída por 14 regimentos de artilharia montada, cada um com 3 grupos de 3 baterias.

A divisão de cavalaria independente teria um regimento de artilharia a cavalo com 2 grupos de 3 baterias.

Seriam organizados 14 grupos de 3 baterias de obuses ligeiros, constituindo os 2.<sup>os</sup> regimentos divisionarios.

A artilharia de montanha formaria 3 regimentos, cada um com 2 grupos de 3 baterias.

A artilharia pesada de companhia teria 3 grupos de 3 baterias, um com peças de 12<sup>cm</sup> e o outro com obuzés de 15<sup>cm</sup>,

A artilharia pesada de sitio formaria 4 batalhões com peças de 15<sup>cm</sup> e obuzes e morteiros de 21<sup>cm</sup>.

Os estabelecimentos fabris da artilharia eram completamente reorganizados de modo a desenvolver os fabricos em harmonia com as necessidades do exercito.

A engenharia sofria uma profunda remodelação. Os regimentos de sapadores eram dissolvidos, passando a haver 14 batalhões, um por cada divisão.

Seria organizado um batalhão de telegrafia sem fios.

Haveria 14 companhias de telegrafistas, uma por divisão.

As tropas de aviação formariam uma unidade independente.

Com a designação de *tropas de comunicação* seriam consideradas as de caminhos de ferro, de telegrafos (T. P. F. e T. S. F.), de projectores de campanha, de aerostação e aviação, e de automobilismo ligeiro.

Reorganizados eram tambem os corpos da Intendencia, e de saude militar.

Ainda o governo era autorizado a reduzir os *limites de idade* dos officiais.

O ministro da guerra, general Echague, começou por apresentar á discussão do Congresso o projecto de redução dos limites de idade, o qual não era por certo o mais importante e o de mais urgente necessidade. D'aí resultou uma campanha contra o governo por parte das minorias, e, apesar de aquele possuir a maioria, o ministerio Dato caiu.

Os principais discursos de ataque foram dirigidos pelo conde de Romanones e por Maura.

Ora vejâmos os principais argumentos apresentados naquele largo debate.

O conde de Romanones fez uma apreciação geral dos projectos, dizendo que não satisfaziam por completo o problema da reorganização do exercito.

Declarou que a situação em que se encontrava o exercito era má; mas confessou que para este descalabro tinham contribuido todos os partidos politicos. Logo, não era o general Echague o verdadeiro responsavel por tal estado de cousas.

Tinham num periodo de dez anos duplicado as despesas do orçamento do ministerio da guerra, sem que desse aumento resultassem melhoramentos importantes no exercito.

O exercito, disse o conde de Romanones, continúa sem campos de instrução, sem quartéis em boas condições higienicas, sem material, e as unidades sem os efectivos indispensaveis para se poder ministrar uma util instrução.

Em que se tem gasto o dinheiro?

No aumento excessivo de quadros, pois apesar da grande quantidade de officiais que vieram dos exercitos coloniais suprimidos, teem sido admitidos nas academias militares um numero de candidatos muito superior ás necessidades. Além disso, para colocar todos estes officiais tem-se inventado lugares, de fôrma a produzir uma verdadeira monstruosidade organica. Todos os officiais querem estar em Madrid, e d'ái criarem-se lugares sem serem exigidos pelos serviços. No ministerio da guerra existiam para cima de 250 officiais! Os quadros do exercito são triplos dos que este necessita. E' preciso gastar com o exercito, mas sem que tais despesas se façam com prejuizo dos orçamentos dos outros ministerios.

E' preciso, portanto, fazer reduções consideraveis nos quadros para obter economias que permitam melhorar as condições materiais do exercito.

Mas como a redução dos quadros e a dos limites de idade, desagradavam ao exercito, e o conde de Romanones não queria naquele momento ter contra si o exercito, apressou-se a declarar que não era só no exercito que deveria haver reduções, mas em todo o funcionalismo civil, de fôrma que o governo deveria primeiro fazer as reduções nos outros ministerios e só depois fazê-las no ministerio da guerra; e por isso convidava o governo a apresentar um projecto de remodelação de todos os serviços publicos. Desde 1905 que o pessoal dos ministerios

civis tinha aumentado 13 0/0, o que representava um aumento de 40 milhões de pesetas no orçamento geral.

Emquanto no exercito, depois que terminaram as guerras coloniais, se tinha feito uma redução de 8.000 oficiais, redução que, só na arma de infantaria (a mais sacrificada) representava uma economia de 15 milhões de pesetas, o numero de funcionarios civis aumentára espantosamente, tendo aumentado consideravelmente o numero de governadores civis, sendo para notar que no distrito de Nova Castela ha 6 governadores civis, enquanto que ha um só capitão-general. Assim concluia que os projectos do governo eram incompletos e por isso inoportunos. Acrescentou ainda que, para levar a efeito as reformas apresentadas não era preciso projecto nenhum especial, por isso que a actual legislação organica do exercito espanhol comportava as disposições necessarias para tal fim.

Maura atacou tambem o projecto de reorganização. Confessava que a situação do exercito era má e que era preciso dar-lhe remedio; mas que a falta de organização do exercito não apresentava discrepancia com o que se passava nos outros ministerios.

Declarou que a organização devia partir ou assentar na criação de um *Estado Maior Central* vigoroso e com iniciativa, com funções executivas e formado por competencias profissionais, devendo tambem ter uma maior realidade a *Junta da Defesa Nacional*.

Assim Maura, como Romanones, não se cingiram á análise do projecto em discussão — *a redução dos limites de idade* — mas antes trataram duma maneira geral a questão militar.

Alcalá Zamora, da minoria democratica, atacou o projecto, declarando que a redução dos limites de idade nunca deveria ser o ponto de partida de uma larga reorganização militar, mas consequencia dela; que se deveria criar primeiro o *Estado maior central*, e que este seria encarregado de estudar a reorganização a fazer, devendo para isso ser dada a pasta da guerra a um individuo civil, pois só este, sem ligações com o exercito, teria força para efectivar as reformas propostas.

O catalonista Cambó, mostrou-se completamente contrario á redução dos limites de idade, que só servem para acelerar as promoções num dado momento, mas que se não justificavam em presença das lições da guerra actual, que bem põe em

evidencia que os generais não precisam andar largas horas a cavalo, pois teem á sua disposição automoveis e o telegrafo, e só precisam de sciencia e serenidade. O nervo dos exercitos reside na instrução, no material, na industria, nas manobras, nos campos de tiro, etc. Assim, a redução dos limites de idade, representa uma injustiça de que é vitima uma geração, como consequencia dos erros de outras gerações, e, beneficiando uns, traz grandes prejuizos a outros, o que não é de molde a levantar o moral do exercito.

Cambó, emitiu a opinião que se deveria começar por organizar o Estado maior central, desenvolver a instrução, organizar as reservas, e reduzir os quadros lenta e progressivamente.

O deputado radical Santa Cruz, considerou o projecto inoportuno, e que se deveria tratar primeiro do problema nacional e depois do militar. O projecto, diz o mesmo deputado, propõe a redução dos quadros, fixa numeros, mas não os justifica, pois só poderia haver justificação se fôsem apresentados os quadros organicos das diferentes armas e serviços.

O deputado da maioria Crespo de Lara, official de artilharia, declarou que a Espanha não tinha as fronteiras convenientemente defendidas, que as praças de guerra não estavam artilhadas eficazmente, que as costas não estavam a coberto de um golpe de mão, etc.

Parece que este deputado trouxe para o parlamento certas indicações inconvenientes de se dizerem em sessão publica, e que o proprio ministro da guerra se encolerizou com tais declarações, partindo principalmente de um deputado da maioria.

Procurou o general Echague transigir com as minorias, introduzindo varias alterações nos limites de idade, primeiramente fixados, e aceitando algumas outras emendas apresentadas pela comissão militar do Congresso.

O conde de Romanones, em nome das minorias, apresentou uma base de transigencia, e era que se discutissem simultaneamente os orçamentos, e os projectos dos limites de idade e da criação do Estado maior central, mas o presidente do Conselho declarou que os orçamentos se não discutiriam sem primeiro se ter aprovado o projecto em discussão.

A agravar a situação governamental, veiu ainda o projecto do ministro das finanças sobre as classes passivas, cerceando os direitos adquiridos para as aposentações e reformas.



O obstrucionismo das minorias tomou então uma fase aguda, e o governo Dato pediu a demissão, que o chefe do Estado aceitou; e, não se podendo organizar um novo gabinete com elementos conservadores, foi então chamado o conde de Romanones a constituir ministerio.

\*

\* \*

Constituido o novo ministerio, entrou para a pasta da guerra o general Luque. Não é primeira vez que este general exerce tão altas funções, e, o que é para notar, foi este general que, quando ministro da guerra, suprimiu o Estado maior central, porque pretendia ter funções executivas, o que era incompatível com o sistema parlamentar constitucional.

Então, o general Luque julgou inutil a existencia de um tal organismo, que embaraçava a acção ministerial, não lhe querendo dar a autonomia que ele pedia; e, ainda é para notar, não o suprimiu por meio de um decreto, mas cortando no orçamento a parte que lhe dizia respeito.

Terá agora mudado de opinião propria, e ver-se-ha obrigado a seguir as correntes da opinião geral?

E' o que vamos vêr.

#### *A criação do Estado Maior Central do Exercito e a Junta de Defesa Nacional.*

Por decretos de 23 e 24 de janeiro ultimo foram criados aqueles dois importantes organismos do exercito.

A *Junta de Defesa nacional* foi reorganizada, pois já existia desde 1907. Passou agora a ser constituída pelo presidente de conselho de ministros, pelos ministros da guerra e da marinha, pelos chefes do estado maior do exercito e da marinha, e por alguns ex-presidentes de conselho de ministros, cujo numero não pode exceder quatro, por um capitão general do exercito e outro da armada, e pelo 2.<sup>o</sup> chefe do estado maior central, que desempenha as funções de secretario.

Esta Junta será o supremo definidor do plano de defesa, fixando a orientação a dar e indicando ao Estado maior central os trabalhos preparatorios a realizar.

Quando el-rei assistir ás reuniões da Junta, será ele o presidente.

De facto, teve já a sua primeira sessão, a que presidiu Afonso XIII, tomando resoluções, que se conservaram secretas.

Tambem por decreto de 24 foi criado o Estado maior central, a quem foi incumbido desde logo o estudo da reorganização das forças militares do país.

Pela nova organização, o Estado maior central, formando parte da Administração Central da Guerra, e sob a autoridade do ministro, é um centro tecnico e consultivo, desempenhando funções executivas só em tempo de guerra. A ele compete no tempo de paz estudar as alterações a introduzir na organização do exercito, tomar as medidas necessarias para rializar a mobilização, dirigi-lo em campanha e prepara-lo para isso.

O chefe do Estado maior central, é um capitão ou tenente general, nomeado por um decreto.

Um general de divisão ou de brigada é o 2.º chefe, e deste depende directamente a secretaria.

Em tempo de paz o chefe do Estado maior central é o inspector do exercito e defesa nacional, como delegado do ministro da guerra, devendo comunicar a este confidencialmente as informações sobre a aptidão dos generais e officiais superiores, assim como dos que pertencem ao corpo d'estado maior.

Em tempo de guerra, será o generalissimo, ou desempenhará as funções de chefe do estado maior general, se El-rei tomar o comando em chefe do exercito.

O governo nomeia, mediante proposta do chefe do Estado maior Central, os generais que hão de exercer o comando das grandes unidades em campanha, assim como os officiais que hão de constituir os estados maiores dessas unidades.

As bases para a reorganização do exercito são determinadas pela Junta de Defesa Nacional, e será o ministro da guerra que as apresentará ao Estado maior central, que as desenvolverá tecnicamente. O projecto final será depois apresentado pelo governo ás côrtes. O Estado maior central ou por sua iniciativa, ou por incumbencia do ministro, apresenta a este os projectos de lei, os regulamentos ou quaisquer disposições de character geral.

O ministro da guerra exerce, porém, a sua autoridade completa sobre o exercito, sendo das suas atribuições decretar, or-

denar e resolver tudo o que diz respeito ao exercito, seja qual fôr a iniciativa ou intervenção que no assunto hajam tido o Estado maior central e a Junta de defesa nacional.

O Estado maior central está em intima ligação com o Estado maior da Armada no que diz respeito á preparação de transportes maritimos, defesa de praças maritimas, e, em geral, tudo que exija a cooperação das forças de terra e mar.

O Estado maior central fica tendo 5 repartições e uma secretaria.

A 1.<sup>a</sup> *repartição*, trata da organização, mobilização e instrução geral do exercito ;

A 2.<sup>a</sup> *repartição*, trata das operações e comunicações militares ;

A 3.<sup>a</sup> *repartição*, do armamento, material e fabricas ;

A 4.<sup>a</sup> *repartição*, da estatistica e requisições ,

A 5.<sup>a</sup> *repartição*, da fortificação, e informações militares, do estrangeiro.

Ficam dependendo do Estado maior central, sob o ponto de vista tecnico : a escola superior de guerra ; a escola central de tiro ; o serviço de aviação ; a junta central de transportes ; as comissões de estudo das vias ferreas.

O pessoal do Estado maior central consta de 6 coroneis, 8 tenentes-coroneis, 11 majores e 11 capitães, do corpo do Estado maior, das armas de artilharia, engenharia, cavalaria e infantaria, dos serviços da Intendencia e saude militar.

Estes officiais permanecem por periodos determinados nesses serviços, revezando-se por turnos no serviço de estado maior e no das tropas para não perderem o contacto com estas.

Vê-se, que o general Luque pouco alterou o que tinha estabelecido o general Echague. Este, porém, queria levar ás camaras os diferentes projectos de reorganização do exercito, enquanto que aquele, mesmo com o parlamento aberto, decretou-as, sem as levar ao parlamento.

Para chefe do Estado maior central foi nomeado o capitão general D. Valeriano Weyler, marquez de Tenerife ; e para 2.<sup>o</sup> chefe e secretario o general de brigada D. Francisco Fernandez Llano.

\*

\*

\*

Ainda o novo ministro da guerra, por decreto de 26 de janeiro, fixou o *quadro dos officiaes* das diferentes armas e serviços, quadro com character provisorio, mas que foi estabelecido sem que se tivesse fixado a organização daquelas armas e serviços, como já o fizera o general Echague, tendo sido por isso atacado nas camaras pelos seus adversarios politicos. Apresentamos no seguinte quadro o numero desses officiaes:

	Alabardeiros	Estado maior	Infantaria	Cavalaria	Artilharia	Engenharia	Intendencia	Intervenção	Saude mili- tar		Veterinarios	Corpo juridico	Clero castrense	Secretariado mili- tar	Equitação	Guarda civil	Carabineiros	Total
									Medicos	Farmacenu- ticos								
Coroneis. ....	4	23	216	64	58	36	28	13	22	3	2	10	1	4	1	29	17	531
Tenentes-coroneis.....	5	62	441	75	104	76	68	41	62	15	7	10	9	7	1	65	36	1:084
Majores. ....	4	90	767	224	203	90	90	77	124	26	22	16	14	29	4	92	44	1:916
Capitães. ....	3	94	2:429	496	483	245	269	68	311	50	90	24	72	94	30	276	200	5:234
Subalternos. ....	24	—	3:086	505	538	259	304	19	196	54	119	13	177	194	50	589	406	6:533
Total.....	40	269	6:939	1:364	1:386	706	759	218	715	148	240	73	273	328	86	1:051	703	15:298

Em virtude dos quadros assim fixados, haverá um numero grande de officiaes excedendo os quadros, devendo proceder-se a amortisação á medida que se forem dando as vacaturas, as quais serão preenchidas nos diversos postos com 50 % dos excedentes e 50 % por promoção. A primeira vacatura é preenchida por promoção, a immediata por um supra, e assim successivamente.

A amortização de 50 % só é applicada quando o numero dos supras exceda 20 % do respectivo quadro, e será de 25 %, quando os supras forem em numero inferior.

No quadro do Estado maior general, as vacaturas serão sempre preenchidas com 50 % dos supras, seja qual fôr o numero destes, até á sua completa extinção.

O numero de officiaes que ficam excedendo os quadros nas diversas armas á data da fixação do quadro organico orçamental é:

Infantaria . . .	13 coroneis;	33 ten.-coroneis;	301 majores;	229 capitães.
Cavalaria . . .	5 » ;	33 » ;	40 » ;	104 »
Artilharia . . .	11 » ;	54 » ;	92 » ;	136 »
Engenharia . .	16 » ;	— » ;	47 » ;	78 »
Estado maior.	13 » ;	31 » ;	26 » ;	— »
<hr/>				
Total . . .	58 » ;	151 » ;	506 » ;	547 »

O quadro do generalato foi provisoriamente fixado em: 2 capitães-generais; 20 tenentes-generais; 40 generais de divisão e 90 de brigada.

Em conselho de ministros foi aprovado um decreto estabelecendo medidas de selecção para a promoção nalguns postos.

O Estado maior central deve fixar os quadros organicos definitivos, e julga-se que ainda maior será o numero dos supras.

Uma tal medida enche de pavor um grande numero de officiaes que veem assim agravar-se a sua carreira e aumenta as já precarias circumstancias em que vivem.

\*

\* \* \*

Em conclusão, vê-se que o novo ministro da guerra não engeitou a maior parte dos projectos apresentados pelo seu

antecessor, e antes os applica com mais rigor, tendo até já provocado a reforma de numerosos officiaes. E, vê-se ainda, que prescindiu de levar ao parlamento os seus projectos, publicando os decretos sem mais discussões. E, de todas as discussões havidas no Congresso se conclue, que a situação do exercito espanhol não é das mais risonhas, e que teem sido os politicos que mais teem contribuido para esse estado de cousas. Terá o novo ministro a energia necessaria para arrostar com as daninhas influencias politicas? E' o que veremos.

V. C.

---

## Os ultimos episodios da guerra peninsular

### Batalha de Toulouse e sortida de Bayonne (10 e 14 de abril de 1814)<sup>1</sup>

A comemoração centenária da Guerra Peninsular, patrioticamente iniciada no nosso país em 1908, atingiu o seu termo em 10 do corrente, celebrando a batalha de Toulouse, ultima grande etape dessa longa e sangrenta jornada de seis anos, em que as armas dos aliados se cobriram de gloria, aniquilando para sempre o famoso prestigio das aguias napoleónicas, até então julgadas invenciveis.

Hoje 14, passa ainda o centenário do tragico episodio da sortida de Bayonna, que a França comemora solenemente nessa famosa cidade dos Pireneus.

Relêr essas ultimas paginas da historia gloriosa do nosso exercito na tremenda luta em que andava envolvido desde 1808, recordar os lances tragicos dessa batalha final coroada pela vitoria das tropas aliadas, fazer reviver na nossa imaginação a acção heroica dos nossos antepassados que, nesses dias venturosos, jogaram a vida pela causa da liberdade e da independencia da Patria, tal é a unica forma por que podemos, nós tambem, comemorar essas datas inolvidaveis da nossa historia militar.

É o que singelamente procuraremos fazer.

---

<sup>1</sup> Palestra rializada perante os officiais do grupo de baterias d'artilharia a caválo, alusiva ao centenário da batalha de Toulouse, comemorado em Abril de 1914.



\*

\* \*

Três vezes, como é sabido, foi o nosso país invadido pelos exercitos de Napoleão, que três vezes foram expulsos de Portugal pelas tropas anglo-lusas.

Foi primeiro Junot que, tendo entrado em Lisboa no dia 1.º de Dezembro de 1807, antes de um ano decorrido era obrigado a evacuar o país, depois das celebres derrotas da *Roliça* e do *Vimeiro*, que o forçaram a assinar a convenção de Cintra.

Seguiu-se-lhe Soult que em 1809, tendo tentado debalde invadir o Minho, foi entrar em Traz-os-Montes, pelo vale do Tâmega, e conseguiu chegar ao Porto, cuja fraca defesa, confiada ao bispo, armado em general. . . «de mitra e báculo», lhe entregou a cidade.

Pela segunda vez, vieram em nosso auxilio os ingleses, que, sob o comando de Wellington, em breve levaram a cabo a *restauração do Porto*, forçando Soult a empreender a celebre retirada sobre a Galiza, marcada pelos combates de *Salamonde* e da ponte da *Mizarella*.

E, livre de Soult, dirigiu-se Wellington contra Victor que ameaçava o Alemtejo, derrotando-o na batalha de *Talavera* (28 de Julho) apesar de todos os erros e desfalecimentos dos espanhois de Cuesta.

Finalmente, em 1810, mandou Napoleão a Portugal, um dos seus primeiros marechais, Massena, cuja boa estrela lhe tinha motivado o epiteto de *filho querido da vitoria*.

Entrando pela Beira, pôz cêrco a Almeida, que uma terrivel explosão fez capitular prematuramente, e, seguindo pela margem direita do Mondego, foi de encontro á posição do *Bussaco*, onde, na celebre batalha de 27 de Novembro, se immortalizou a fama dos bravos soldados portugueses.

Seguindo, apesar disso, sobre Lisboa, como se fôsse vencedor, veiu esbarrar com as famosas *linhas de Torres Vedras* onde as tropas aliadas cobriam a capital. E no fim de alguns mêses, esgotados os recursos e convencido o marechal da impossibilidade de forçar as linhas, iniciou a notavel retirada coberta pelas tropas de Ney, que justificou mais uma vez, nos combates do *Pombal*, *Redinha*, *Condeixa*, *Foz d'Arouce* e

*Ponte da Mucela*, o cognome de *bravo dos bravos*, por que era conhecido.

Não foi tão longe a perseguição dos aliados que impedisse os franceses de ficarem ainda senhores de Almeida.

Mas, Wellington não tardou a pôr-lhe cêrco, dispondo-se a socorrer a praça o proprio Massena, que em seguida á batalha de *Fuentes d'Onor* (5 de maio de 1811) retirou definitivamente para Salamanca.

Entretanto, Beresford, punha tambem cêrco a Badajoz e na batalha de *Albuera* (16 de Maio de 1811) derrotava Soult, que então viêra da Andaluzia para prestar tardio apoio ao seu colega Massena.

Desta vez, porém, não se contentou Wellington em expulsar os franceses de Portugal: queria expulsá-los definitivamente da Peninsula.

Tornava-se, para isso, necessario apoderar-se das praças de *Ciudad Rodrigo* e de *Badajoz* que eram, por assim dizer, as portas de entrada no territorio espanhol.

Tomadas de assalto sucessivamente as duas praças, na primavera de 1812, entraram os aliados em Espanha e conseguiram, depois da vitoria de *Salamanca* (22 de Julho) chegar a entrar em Madrid.

Tendo, porém, de acorrer a Burgos, aí foi Wellington menos feliz, sendo forçado a efectuar a historica *retirada de Burgos*, e vindo acolher-se de novo á fronteira portugûesa.

Nem por isso desistiu do seu intento, planeando tornear os franceses que então se achavam sobre o Douro, plano que pôz em pratica na primavera de 1813, sem ter encontrado grandes resistencias, a não ser na celebre batalha de *Vitoria*, cujo centenário, foi celebrado em 21 de Junho do ano findo.

Depois dessa batalha em que mais uma vez os franceses foram derrotados, ficaram eles apenas de posse das praças espanholas de *Pamplona* e *San Sebastian*, que, cercadas pelos aliados, vieram a capitular depois das batalhas dos *Pireneus* (28 e 30 de Julho) em que Soult derrotado se viu obrigado a passar o Bidassôa, internando-se já no seu país.

Wellington, cujo desejo era agora entrar em França, em perseguição de Soult, auxiliando por essa forma os exercitos

das nações então coligadas contra Napoleão, pôz em execução o seu projecto, atravessando sucessivamente o *Nivéle* e o *Nive*, á custa de duas batalhas (10 e 13 de Dezembro), em que os franceses se viram forçados a retirar sobre a margem direita do Adour.

A invernã deteve por algum tempo o avanço dos aliados, que só em 27 de Fevereiro deram a batalha de *Orthez* para repelirem os franceses do Adour.

Emquanto o marechal Beresford, depois da batalha de Orthez, marchava sobre Bordéus, Soult e Wellington observavam-se receiosos: Soult ignorava a marcha dos 12:000 homens de Beresford e julgava por isso Wellington mais forte; este, pelo seu lado, receiava sobretudo a chegada subita das tropas de Suchet em auxilio do seu adversario.

Segundo as disposições tomadas por Soult, as suas tropas cobriam Tarbes, podendo dirigir-se quer sobre Auch, quer sobre Pau.

Wellington tomou posição sobre as duas margens do Adour, em volta de Aire.

Tendo, por fim, o marechal francês conhecimento da marcha de Beresford para Bordéus, decidiu atacar os aliados prontamente, tanto mais que recebera de Napoleão instruções para transferir o teatro da guerra para Pau, apoiando a esquerda nos Pirenéus.

Iniciado resolutamente esse movimento de Soult (13 de março), deram-se varios encontros de cavalaria, num dos quais foi feito prisioneiro Bernardo de Sá Nogueira, mais tarde marquês de Sá da Bandeira.

Sabendo, porém, que Wellington recebia reforços e que Bordéus fôra evacuada, tomou Soult as suas disposições para retirar sobre Toulouse.

Pela sua parte Wellington que se mantivera na defensiva, iniciava a marcha sobre Plaisance, procurando tornear a direita de Soult, pelo vale do Adour.

Foi então que se travou o *combate de Vic-de-Bigorre*, depois do qual continuou a retirada dos franceses que foram ocupar Tarbes, resolvidos a disputar toda a posição que lhes pudesse oferecer vantagem.

Pela sua parte os aliados avançaram parte sobre Tric-Ra-

bastens, parte pela estrada principal, marchando em 2 colunas separadas pelo Adour.

E em 20, travou-se o *combate de Tarbes*, curto mas vivo e sangrento, retirando Soult de noite sobre Saint-Gaudens, com o fim de alcançar rapidamente Toulouse, seu grande deposito, eixo das suas operações ulteriores, e unica posição onde podia esperar obter algumas vantagens com o fraco exercito de que dispunha.

Perseguiram-no os aliados em 3 colunas, numa lenta marcha de sete dias, o que permitiu aos franceses estabelecerem-se e fortificarem-se na sua posição de Toulouse.

Em 26, Beresford que, tendo regressado de Bordéus, tinha tomado o comando da coluna da esquerda, entrava em Saint-Lys e tomava posição sobre a estrada de Auch, em frente do exercito francês que se achava sobre o Touch, cobrindo Toulouse; Hill entrava na vespera em Cazères e Wellington em Samatan.

Eis recordado, a traços largos, como os exercitos aliados caminharam de vitoria em vitoria, desde a Roliça, na costa de Portugal, até Toulouse, no interior da França, onde ía travar-se a ultima batalha dessa guerra já virtualmente terminada pela abdicação de Napoleão em Paris.

Procuremos agora descrever esse epilogo tragico da campanha, seguindo o relato de Napier, que passa por ser o mais consciencioso e imparcial dos seus historiadores.

\*

\*        \*

Soult escolheu Toulouse como ponto a ocupar para defender a passagem do Garonne, porque, tendo nascido nas proximidades e conhecendo bem a região, encontrou naquela cidade condições estrategicas e taticas apreciaveis.

Com efeito, Toulouse, cidade de 50:000 habitantes, comandava a passagem principal do Garonne, era o nó das principais comunicações que atravessavam este rio, continha o arsenal mais importante do sul da França e tinha recursos abundantes para alimentação das tropas.

Ocupando Toulouse, Soult ficava senhor de diversas linhas

d'operações: podia ir ao encontro de Suchet, no Roussillon, por Carcassone, ou dirigir-se sobre Lyon por Alby; podia recuar sobre o Tarn e prolongar a luta, defendendo sucessivamente a passagem deste rio e do Lot, e retirar depois, se assim fôsse necessario, sobre o exercito da Gironda, comandado por Decaen, e atrair os aliados sobre a margem direita do Garonne, obrigando Wellington a segui-lo com forças enfraquecidas pela necessidade de deixar tropas de observação a Suchet.

Sob o ponto de vista tactico, Toulouse oferecia tambem uma posição vantajosa.

O Garonne, que corre a oeste, limitava, em frente dos aliados, um vasto espaço na extremidade do qual se achava, ponte, coberta pelo bairro de S. Cyprien que as antigas muralhas da cidade protegiam.

Para além do Garonne, elevava-se a cidade cercada duma velha e espessa muralha flanqueada por torres.

O canal de Languedoc, que vai juntar-se ao Garonne, a algumas milhas abaixo da cidade, cobre as muralhas a norte e a leste, como as cobrem a oeste o Garonne e o bairro S. Cyprien.

Os arrabaldes de St. Etienne e de Guillemerie, a um e outro lado do canal, forneciam obras avançadas a leste, e as colinas de Sacarin e de Cambon que os cobriam, flanqueavam as proximidades do canal.

Oitocentos metros além destas colinas, o monte Rave, estendendo-se quasi paralelamente ao canal, apresentava do lado oposto uma encosta muito escarpada e comandava a planicie pantanosa onde corre o Ers.

Ao sul da cidade havia uma planicie, mas o bairro de St. Michel entre o Garonne e o canal, oferecia meios de defeza, e a alguma distancia, as alturas de Pech-David, paralelas ao rio, forneciam-na igualmente.

Da análise destas condições, resultou para Soult a convicção de que Wellington, na impossibilidade de atacar Toulouse de frente, tentaria a passagem do Garonne, não a montante da cidade, mas a jusante, onde as condições estrategicas do ataque eram mais favoraveis e as consequencias mais perigosas para os franceses. Nesse sentido tomou as suas disposições por forma

a atacar os aliados entre o Tarn e o Garonne, mantendo assim as suas comunicações com Montauban.

Enganou-se, porém, porque, como o lado sul era taticamente mais favorável ao ataque, Wellington tentou primeiro a passagem em Portet, abaixo da confluência do Ariège, projecto de que teve de desistir, por lhe faltarem os meios de transportar a enorme largura que o rio ali apresentava.

O general Hill foi então passar o Garonne em Pinsaguel, acima da confluência do Ariège, marchou sobre Cintegabelle e atravessou o Ariège na intenção de avançar pela margem direita, mas encontrou o terreno tão alagado, que lhe impossibilitava a marcha da artilharia.

Resolveu, por isso, retroceder para Pinsaguel e tornar a passar o Garonne.

Emquanto os aliados assim perdiam tempo, Soult ia fortificando Toulouse e o monte Rave, persuadido de que assim poderia resistir ao choque, de qualquer lado que êle partisse.

Wellington, fez então transportar os seus pontões pelo Garonne e foi efectuar a passagem em Grenade, desta vez abaixo de Toulouse, como supuzera o seu adversario.

Mas, o rio, enchendo consideravelmente, interrompeu a passagem das tropas e levou-lhe os pontões.

A passagem iniciada na noite de 3/4 de abril, só pôde continuar em 8, quando as aguas baixaram, permitindo restabelecer a ponte.

Atravessaram então o rio os espanhois de Freyre e a artilharia portugêsa e Wellington tomando o comando avançou pela margem direita, ao passo que outra coluna avançava pela margem esquerda do Ers, separadas portanto por este rio que não se podia atravessar sem pontões.

Depois dalgumas escaramuças e dum combate de cavalaria, conduzido pelo major Hugues do 18.º de hussards, conseguiram, finalmente, os aliados apossar-se da ponte de Croix-Daurade que lhes assegurava as comunicações entre as duas colunas.

Tendo examinado as posições dos franceses, resolveu Wellington atacá-las no dia seguinte, 9 de Abril. Mas, o lançamento da ponte que na manhã desse dia devia efectuar-se em Seilh para a passagem da divisão ligeira, só á tarde ficou concluído, de sorte que a batalha teve de ser adiada para 10.

Neste momento Soult cobria Toulouse por três lados: a oeste, defendia St. Cyprien com a esquerda, ao norte guardava o canal com o centro e a leste ocupava o monte Rave com a direita.

A reserva, comandada por Trant, defendia as muralhas da cidade.

Da parte dos aliados, Hill opunha-se á esquerda francesa (St. Cyprien), mas não podia comunicar com o corpo principal de Wellington, senão pela ponte de Seilh, afastada 10 a 12 milhas.

Wellington, avançava pelo norte, mas na intenção de atacar a cidade pelo sul, que era o lado mais fraco da defesa.

Sendo impossível atravessar o Ers noutro ponto que não fôsse Croix-Daurade, o general inglês, via-se forçado a executar uma marcha de flanco sob o fogo inimigo, entre o Ers e o monte Rave e apoderar-se desta montanha para atravessar em seguida o canal acima do arrabalde de Guillemerie, e estabelecer então o seu exercito ao sul de Toulouse, para o ataque.

Na manhã de 10 de Abril, domingo de Pascoa de 1814, as disposições dos dois exercitos eram as seguintes:

Da parte dos franceses, o general *Reille*, defendia St. Cyprien com as divisões Taupin e Maransin; a divisão *Darricau* que ocupava o canal ao norte, desde a sua junção com o Garonne até á estrada de Alby, guardava a testa de ponte de Junmaux, o convento Minimes e a ponte de Matabian.

A divisão *Harispe* guarnecia as obras do monte Rave: a direita, em St. Sypière, observava a ponte de Les Bordes; o centro no reduto da Colombette, tendo proxima a cavalaria de *Vial*; a esquerda cobria a estrada de Alby perto da ponte da Croix-Daurade.

A brigada *Saint-Pol* (da divisão Villatte) ocupava o mameão da Pujade.

As 2 restantes divisões (*Vilatte* e *Darmagnac*) disponiveis, formavam em coluna á retaguarda do monte Rave, e a reserva de *Travot* continuava a guarnecer as muralhas de Toulouse á retaguarda do canal.

A cavalaria ligeira, de Berton, sobre a margem direita do Ers.

A linha de batalha francesa formava, pois, um angulo, cujos

lados tinham cêrca de 4 km. cada um e cujo vertice na Croix-Daurade era coberto pela brigada St. Pol no mamelão da Pujade.

Do lado dos aliados, Hill, de cujas tropas fazia parte a divisão portugueza de Lecor, desenvolveu as suas tropas, sob a protecção da artilharia estabelecida no espaldão do Poligono e na altura de Cèpière, e, apoiado pela cavalaria de Fane, ameaçava St. Ciprien, com o fim de desviar para este lado a atenção do inimigo.

A 3.<sup>a</sup> divisão (Picton) e a divisão ligeira (Alten) que de madrugada passára o Garonne na ponte de Seilh, apoiadas pela cavalaria alemã de *Bock*, desenvolveram o 1.<sup>o</sup> na planície de Gregori e o 2.<sup>o</sup> a E. da estrada de Montauban, devendo *Picton* ameaçar a ponte Jumeaux e o convento Minimes, enquanto *Alten* manteria as comunicações entre *Picton* e *Freyre* que, commandando os espanhois, reforçado com a artilharia portugueza (regimentos 1 e 2) e apoiado pela cavalaria inglesa de Ponsonby, devia apoderar-se da Pujade e ocupar o mamelão para cobrir a marcha da coluna *Béresford*.

Esta coluna composta das 4.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> divisões (*Cole* e *Clin-ton*), com 3 baterias, tendo passado a ponte da Croix-Daurade, dispunha-se a tornejar pela esquerda o mamelão de Pujade para avançar entre o Ers e as alturas do monte Rave, ocupadas pelos franceses até que a guarda da retaguarda passasse a estrada de Lavaur. Então deviam desenvolver as duas divisões (4.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>) e atacar o planalto de St. Sypière, ao mesmo tempo que *Freyre* atacaria o de Calvinet, e os dragões de *Ponsonby*, que o seguiam de perto, ligariam a esquerda de *Freyre* com a coluna de *Béresford*.

Entretanto, a cavalaria de *Somerset* subia a margem esquerda do Ers, precedendo a coluna *Béresford*, e a de *Vivian* subia a margem direita, para observarem a cavalaria de *Berton* que, ocupando a montante as pontes de Les Bordes e de Mountaudran, podia passar da margem direita para a esquerda, destruir a ponte e cair sobre a testa da coluna de *Béresford* ainda em marcha.

Hill, atacando o arrabalde St. Cyprien, conseguiu repelir os postos avançados de Maransin, ocupar o Moinho Bourassol e a casa Rodeleze e penetrar além da linha dos entrincheira-



mentos, mas parou diante da muralha do arrabalde e aí se manteve arrastando o combate demonstrativo de que fôra incumbido.

Picton, pelo contrario, sempre impulsivo, não se limitou ao ataque demonstrativo que insistentemente lhe tinha sido recomendado, contra Darricau. Ocupou o Petit-Gragnague, repellido os postos avançados franceses e assaltou as pontes Jumeaux e Minimes e a eclusa du Béarnais, sendo repellido por toda a parte, pelas tropas que cobriam o canal.

Os espanhois de Freyre ocupam o mamelão de Pujade, prontamente evacuado pela brigada St. Pol, que foi unir-se á sua divisão (Vilatte), e ali se instalaram as baterias portuguezas, que, sob o comando do major Arentschild, mantiveram um fogo constante durante toda a acção, contra as forças do monte Rave.

Os dragões de Ponsonby ficam em reserva á retaguarda do mamelão, enquanto a cavalaria franceza de Vial vai collocar-se á direita da divisão Vilatte, na altura do Calvinet.

E, enquanto Béresford, torneando o mamelão de Pujade, avança ainda pelo terreno pantanoso, entre o Ers e o monte Rave, Freyre, protegido pelo fogo da artilharia portugueza e da que Béresford estabeleceu no Mont Blanc, ataca o flanco esquerdo da posição do monte Rave (Grande reduto) e a ponte de Matabian, mas sendo repellido pelo fogo da artilharia e da infantaria de Harispe e de Vilatte, só consegue reocupar o mamelão com o auxilio dos dragões de Ponsonby e da divisão ligeira (Alten) que correu a deter a perseguição dos franceses, destacados das divisões Darmagnac e Darrican para cooperarem na derrota dos espanhois.

Entretanto, em um e outro dos campos adversos a artilharia troava sem cessar, desde St. Cyprien até ao Mont Blanc, sem resultado correspondente ao excessivo consumo de munições.

O revez sofrido por Picton, a debandada dos espanhois e a força da segunda linha ocupada pelos franceses em St. Cyprien, animaram Soult a destacar a brigada Rouget da divisão Maransin para, com a divisão Taupin, reforçar a guarnição do monte Rave. E, enquanto Béresford continúa marchando sob o fogo violento das baterias do monte Rave, Taupin avança sobre o planalto da Sypière, com o fim de cair sobre as columnas inglesas, apoiado pelas cavalarias de Vial e de Berton.

Mas o movimento de Taupin é demorado e mal executado, dando tempo a que Béresford, desenvolvendo ao passar a estrada de Caramon, avance resolutamente ao ataque.

A infantaria de Taupin desce a encosta da Sypière, mas os ingleses põem-na em debandada por meio dos foguetes á Congrève, cuja subita aparição e estrondo provocam o pânico nos franceses; e aberto assim o caminho galgam ao planalto e apoderam-se dos dois redutos que encontram já abandonados pelos franceses, a quem a derrota de Taupin, morto na luta, desmoralizára por completo.

Entretanto a cavalaria de Vivian, obriga a de Berton a passar para a margem esquerda do Ers, fazendo saltar a ponte, e vai apoderar-se da ponte de Montaudran; e um regimento da cavalaria de Vial, descendo ao trote a estrada de Lavaur é repellido por parte da divisão Clinton formada em quadrado, e retira sobre a brigada.

E' esta brigada (Vial) e a artilharia vinda de Toulouse e postada nas alturas de Cambon, que cobrem a retirada da divisão Taupin.

A brigada Rouget, retardada na marcha, não chega a tempo ao combate e toma posição nas mesmas alturas de Cambon.

Então a brigada Lambert (da Divisão Clinton) avança sobre o planalto de Calvinet ameaçando o flanco dos francezes, enquanto a brigada escossêsa de Pack e os portuguezes de Douglas, que formavam a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> linhas da 6.<sup>a</sup> Divisão (Clinton), se dispõem para marchar sobre o reduto da Colombete, e a cavalaria de Vivian vae ameaçar a ponte des Demoiselles, defendida por tropas da reserva Travot. Na esquerda os espanhois de Freyre tentam debalde um novo ataque.

Eram 2 horas e meia da tarde quando Béresford recomeçou o ataque com as brigadas Pack e Douglas (portuguezes)

Subindo o caminho escarpado de Lavaur, voltam á esquerda e, galgando as encostas voltadas para o Ers, sob o fogo mortifero da artilharia e da infantaria inimiga, tomam todas as obras do recinto e os redutos da Colombette e de Calvinet. O general Harispe, á testa dos seus batalhões consegue retomar esses redutos, mas, sendo gravemente ferido, em breve eles caem novamente em poder dos aliados que se tornam senhores do centro do monte Rave.

Eram quatro horas da tarde.

Soult, vendo que os espanhóis se reuniam pela quarta vez, apoiados pela divisão Alten, que Picton ameaçava novamente a ponte Jumeaux e o convento des Minimes, enquanto Bérésford avançava ao longo da cumiada de Rave, julgou inútil resistir por mais tempo e abandonou o planalto de Calvinet, retirando sobre o canal.

Assim terminou a batalha de Toulouse, em que, mais uma vez, se distinguiram as tropas portuguesas e, em especial a artilharia, que mereceu justos louvores do comandante em chefe do exercito.

Assim, na *Ordem do dia* 20 de Abril o marechal Beresford, felicitando «a Nação e o Exercito Português» por essa «nova prova de valor e disciplina», diz:

«As Tropas Portuguezas rivalizaram, como é seu costume, em valente conduta, com os seus irmãos de armas do Exercito Britanico, e o ultimo acto da guerra não foi para as tropas das duas Nações o menos glorioso; e as de S. A. R., pela sua conduta na batalha de Toulouse, não só sustentaram até ao fim o seu character valoroso e de excelentes soldados, mas ainda aumentaram a sua gloria e a da sua Nação por este feito d'armas.»

Referindo-se depois com elogio á conduta da 9.<sup>a</sup> Brigada (Reg. Inf. 11 e 23 e Bat. Caç. 7), da 7.<sup>a</sup> (Reg. Inf. 8 e 12 e Bat. Caç. 9) e dos Bat. Caç. 1 e 3, tem para a artilharia estas palavras de merecido louvor:

«Sua Excelencia louva a conduta firme e honrosa da Artilharia Portugueza debaixo das ordens do tenente-coronel Victor von Arentschild e do capitão graduado em tenente-coronel Sebastião José de Arriaga, que mereceu a admiração dos Senhores Generais dos Exercitos Aliados, e sustentou o character que esta arma tem constantemente manifestado durante a guerra; e deseja S. Ex.<sup>a</sup> que o comandante da mesma arma em campanha dê os seus agradecimentos aos Officiaes, Officiaes Inferiores e Soldados.»

Detidos pela fadiga e pelas perdas sofridas, os aliados ficaram nas posições tomadas, estabelecendo-se os espanhóis nas obras do monte Rave abandonadas pelo inimigo.

Soult, pelo seu lado, concentrou as suas tropas, a esquerda

na ponte Matabian, a direita na Demoiselles, e ficou ocupando apenas, a leste do canal, as obras de Cambon e Sacarin.

No dia seguinte, estava Soult disposto a receber nova batalha, mas Wellington passou o dia a reformar as suas tropas.

Em 12, dirigiram-se os francêses em boa ordem, pela estrada de Carcassone sobre Villefranche, e Wellington entrou em Toulouse triunfante.

Nesse mesmo dia chegaram de Paris os emissarios encarregados de comunicar aos exercitos a abdicação de Napoleão.

Ao receber a noticia, em 13, Soult propôz logo um armistício que Wellington não aceitou imediatamente, o que só fez em 18, depois de saber que Soult tinha dado finalmente a sua adesão ao novo governo do seu país.

\*

\* \* \*

Emquanto estes factos se passavam em Toulouse, continuava em Bayonne, sir John Hope dirigindo o investimento da praça, sem ter ainda conhecimento official dos acontecimentos de Paris.

Pela 1 hora da manhã de 14, apresentou-se um desertor nos postos avançados ingleses annunciando com todos os pormenores uma proxima sortida dos sitiados.

Não foram tão rapidas nem talvez tão decisivas as disposições tomadas pelos ingleses, em vista dessas informações, como o caso requeria. De sorte que, pelas 3 horas da manhã os franceses, começando por fazer um falso ataque sobre a margem esquerda do Adour, saíram de repente da cidadela, e surpreendendo os postos avançados ingleses, tomaram a povoação de St. Etienne, mataram o general Hay que os comandava, e lançaram a desordem em toda a linha.

O general Hinuber que, na reserva dos postos avançados, comandava uma brigada alemã, auxiliado por um batalhão português do general Bradford, tentou corajosamente um contra-ataque e retomou St. Etienne.

A luta tornou-se então violenta e terrivelmente confusa, porque a escuridão não permitia distinguir amigos de inimigos, que as baionetas iam ferindo indistintamente, ás cegas!

A artilharia da cidadéla fazia chover as suas bombas no meio dos combatentes, e as chalupas canhoneiras descendo o rio, batiam de flanco as colunas de apoio que vinham chegando do lado de Boucaut.

As bombas acabaram por incendiar as fachinas que os inglêses tinham em deposito e varias casas, cujas chamas iluminavam sinistramente os combatentes.

Sir John Hope fazendo então avançar as reservas sobre a direita para deter o inimigo, precipitou-se sobre St. Etienne, sendo ferido e feito prisioneiro pelos francêses que inèspèradamente encontrou guarnecendo o caminho.

Começava a amanhecer. Os aliados tomaram alento e precipitaram-se sobre os franceses que então foram repellidos, com enormes perdas, até ás suas obras. Mas, do lado oposto as perdas tinham sido tambem avultadas em feridos e prisioneiros, e maior teria sido o desastre se não fosse a decisão e a bravura do general Hinuber e a resistencia tenaz do capitão Forster numa casa fortificada de St. Etienne, que evitaram aos aliados uma terrivel derrota.

\*

\*

\*

Em volta da batalha de Toulouse, bordaram-se considerações de varia especie, que longo e extemporaneo seria desenvolver aqui.

Limitar-me-hei apenas a apontar as principais e de mais curioso interesse.

Sob o ponto de vista tactico,—precisamente o que mais póde interessar-nos—tem sido principalmente discutido o ataque de Béresford.

Assim, enquanto uns censuram a imprudencia da marcha de flanco e do ataque a Saint-Sypiére, outros consideram como uma falta grave de Soult o não ter aproveitado devidamente aquele êrro do seu adversario.

Na verdade, foi demasiado arriscada a marcha de Béresford, num terreno pantanoso, impraticavel á artilharia e sem poder ser apoiado pelo resto do exercito, porque a cavalaria destinada a manter as comunicações não poderia mexer-se á

vontade em semelhante terreno, cortado de um sem numero de pequenas linhas d'agua.

E se Beresford no ataque a St. Sypière tivesse sido repellido sobre o Ers, o que não teria sido difficil, a derrota completa dos aliados seria inevitavel.

Poderia o ataque ter sido conduzido doutra fórma? Se os espanhois tivessem conseguido tomar o lado mais forte do planalto de Calvinet, as divisões anglo-portuguêsas de Béresford tê-lo-iam certamente atacado immediatamente á esquerda de Freyre e então o assalto seria dado por uma forte massa, em conjuncto, contra o ponto mais importante da posição. E' necessario entretanto observar—continua Napier—que os espanhois atacaram demasiado cedo, e o terror panico que deles se apossou, pondo-os em debandada, fez dizer a Wellington que tinha assistido na sua vida a muitos espectaculos curiosos mas nunca vira uma corrida de 10.000 homens.

Pela sua parte, Soult cometeu um erro grave opondo a Beresford apenas a divisão Taupin, quando podia ter disposto das divisões Darmagnac e Vilatte. E poderia ter caido sobre a coluna antes de esta ter chegado e desenvolvido no sopé das alturas, quando Picton já repellido, Freyre batido, e a divisão ligeira de Alten cobrindo a fuga dos espanhois, se achavam impossibilitados de socorrer Béresford que não poderia resistir a forças tão consideraveis.

Choumara, nas suas *Observações sobre as memorias de Suchet*, attribue ainda o successo de Beresford á enorme desproporção de forças que existia entre os dois adversarios.

Napier, porém, baseando-se em dados publicados por historiadores franceses da epoca e nos relatorios officiaes inglezes, conclue que 52.000 homens de todas as armas contavam os aliados <sup>1</sup> contra 38.000 franceses, dispondo aquêles de umas

<sup>1</sup> Neste numero entravam os seguintes effectivos de tropas portugûsas :

Na 2. <sup>a</sup> Div. (Stewart).....	235 of.	1.867 s.
» 3. <sup>a</sup> » (Picton).....	226	1.183
» 4. <sup>a</sup> » (Cole).....	239	1.585
» 6. <sup>a</sup> » (Clinton).....	246	1.644
» Div. ligeira (Alten).....	231	1.240
» Div. portugûsa (Lecor).....	435	3.507

A infantaria portugûsa contava os regimentos n.ºs 2, 4, 6, 8, 9, 10, 11

100 peças d'artilharia de campanha, e estes de 80 bocas de fogo entre as quais se contavam varias dos maiores calibres.

Sendo certo, porém, que a acção verdadeiramente só foi empenhada pelas tropas de Beresford (12.600 h.), de Freyre, (9.000 h.) e de Picton (2.500 h.) num total de 24.000 homens e 52 peças, e que a vantagem do numero se fazia sentir principalmente na cavalaria, arma que pouco foi utilizada nesta batalha, reconhece-se que a desproporção de forças não era tão grande como a faziam crer os escritores militares que por essa fórma pretenderam justificar a derrota de Soult, cujos méritos, aliás, eram bastantes para o impõem á admiração dos seus compatriotas sem ser preciso sofismar os factos em seu proveito.

Napier, fazendo a devida justiça ás qualidades do duque de Dalmacia, atribue o insucesso dos seus esforços, entre outras causas irremediaveis, ao abandono de Suchet, que então comandava os franceses no Roussillon.

Esta recusa de auxilio da parte de Suchet ao seu camarada Soult tem sido um dos pontos mais discutidos, a proposito da batalha de Toulouse, defendendo-se aquele general nas suas *Memorias* <sup>(1)</sup> contra as acusações que a tal respeito lhe fizeram.

Resume-se a sua defeza em provar:

1.º Que teve verdadeiras razões, e não simples pretextos, para prolongar o mais possivel a permanencia do seu exercito além dos Pireneus;

2.º Que o seu exercito se ia reduzindo a ponto de não poder, dentro em pouco, conservar-se em campanha;

3.º Que, longe de se recusar a ligar as suas operações com Soult, pelo contrario, para isso se preparou varias vezes, mas foi este que em 29 de março lhe annunciou estar decidido a evitar aproximar-se dele, Suchet;

4.º Que Soult nunca lhe enviou 12 officiais nem 12 despachos, como se dizia, convidando-o a ir juntar-se-lhe em Tou-

---

12, 14, 17, 18, 21 e 23 e os batalhões de caçadores n.ºs 1, 3, 6, 7, 9, 10 e 11; a artilharia os regimentos n.ºs 1 e 2; a cavalaria era representada por 230 officiais e sargentos e 958 soldados.

<sup>(1)</sup> *Mémoires du maréchal Suchet, duc d'Albufera, sur ses campagnes n Espagne depuis 1808 jusqu'en en 1814, écrits par lui même.*

louse; pediu-lhe apenas, a 3, a 5 e a 7 de abril para fazer um movimento sobre o Ariège, movimento que lhe não permitiam efectuar, nem a força nem a situação do exercito de Aragão;

5.º Que foi só, a 11 de abril, depois da batalha, que o marechal Soult, pela primeira vez, lhe pediu formalmente para se lhe reunir para combater os ingleses;

6.º Que, em 12, Suchet lhe respondeu que iria juntar-se-lhe por Narbonne; que o exercito de Aragão e da Catalunha se pôz logo em marcha com esse fim; mas a 13 recebeu-se a noticia dos acontecimentos de Paris que puzeram termo ás operações.

Todos estes factos são comprovados por documentos, principalmente pela correspondencia entre os dois marechais.

E, que nada o fazia recusar-se a obedecer a Soult, cujos direitos de antiguidade ele respeitou tanto como o interesse da França, pode ainda deduzir-se do facto de ele ter já servido, em Boulogne, sob as ordens do duque de Dalmacia, e pode verificar-se pela sua carta a este marechal, datada de Villafranca a 16 de setembro de 1813.

Fossem quais fossem as causas da derrota, o certo é que Soult foi mais uma vez vencido em Toulouse, se bem que varios escritores militares franceses da epoca pretendessem contestar essa ultima vitoria dos aliados.

O mais notavel desses escritores foi o engenheiro Choumara, ha pouco citado, que, para reivindicar a vitoria para os seus compatriotas, se baseava nas seguintes considerações:

1.ª Que a posição de Toulouse devia ser considerada como uma fortaleza:

2.ª Que o canal era o verdadeiro campo de batalha e que o monte Rave, unica posição perdida pelos franceses, era apenas uma *obra avançada* ;

3.ª Que Soult era vencedor, por isso que oferecera ainda batalha no dia immediato e só na noite seguinte retirou de Toulouse.

Napier demonstra, porém, baseado em documentos do proprio Soult, que este considerava o monte Rave como o *seu campo de batalha, apoiado pela cidade e pelo canal.*

E a não admitir que o monte Rave fosse, não só o campo



de batalha, mas até a *chave da posição*, Choumara seria levado a concluir que a posição principal fôra tão mal escolhida que o menor cheque numa das suas obras avançadas teria bastado para obrigar os franceses a abandonar a posição em todos os outros pontos.

E' incontestavel que os franceses obtiveram vantagens contra Picton e um verdadeiro successo contra os espanhois de Freyre; mas o ataque de Béresford foi bastante decisivo para compensar aqueles dois cheques e para dar até aos espanhois a posse das alturas cujo ataque tinham infrutiferamente empreendido por tres vezes.

De resto, o proprio Soult nunca pretendeu negar aos seus adversarios a vitoria de Toulouse. Reconhece, pelo contrario, que todos os factos que ele tinha previsto como consequencia de uma possivel derrota, todos se realizaram: a perda do campo de batalha, a evacuação da cidade e o movimento por Carcassone ao encontro de Suchet.

Por outro lado, Wellington realizou completamente os seus desejos: passou o Garonne, tomou a posição occupada pelos franceses e entrou em Toulouse como verdadeiro vencedor.

E', pois, flagrante injustiça pretender negar aos aliados essa derradeira vitoria, que tão cara lhes custou.

Na batalha, com efeito, perderam os aliados 4 generais e 4659 homens, dos quais 2000 espanhois, enquanto os franceses tiveram 5 generais e cerca de 3000 homens mortos ou feridos e perderam uma peça de artilharia.

E todo esse sangue se derramou inutilmente, quando já Napoleão tinha abdicado e em Paris se estabelecera o governo provisorio!

Não faltou quem, por esse facto, pretendesse imputar a Soult a responsabilidade de ter continuado a guerra depois de ter conhecimento da abdicación do imperador. Mas justo é também afirmar que tal accusação não tem fundamento.

Em primeiro lugar, se o duque de Dalmacia tivesse tido conhecimento da conclusão da paz antes da batalha não teria deixado de a publicar imediatamente, ainda que não fosse senão para se manter na cidade e proclamar a vitoria. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Memorias do capitão inglês Kinesid, citadas por Napier.

Mas Napier apresenta outras provas da falsidade da acusação.

Foi só no dia 7 que a noticia veio de Paris, não podia levar menos de tres dias para chegar a Toulouse e devia então chegar primeiro ao conhecimento dos aliados, como succedeu, visto que em 9 já as tropas de Soult se achavam investidas por eles. Sendo assim, a acusação devia recair sobre Wellington, que é inadmissivel supôr-se que tivesse arriscado o seu exercito e a sua reputação, numa batalha cujo êxito era tão problematico.

Mas não só Wellington não foi acusado, como foi ele proprio o primeiro a defender o seu adversario, declarando solememente na Camara dos Lords que, no dia da batalha, Soult não conhecia nem podia conhecer a noticia da abdicação do imperador.

Foi realmente no dia 13 que Soult teve as primeiras noticias dos acontecimentos de Paris, tendo apenas tido até então conhecimento da entrada dos exercitos coligados na capital por comunicação recebida em 7 do seu governo.

\*

\* \* \*

Assinada, finalmente, a convenção da paz, começaram a retirar, no princípio de junho, as tropas dos aliados para os seus respectivos países.

Os portuguezes, que desde o meado de abril se achavam concentrados na margem esquerda do Garonne, atravessaram a Espanha, marchando com toda a regularidade, e vindo a entrar em Portugal nos fíns de Julho, parte pela Beira, parte por Traz-os-Montes.

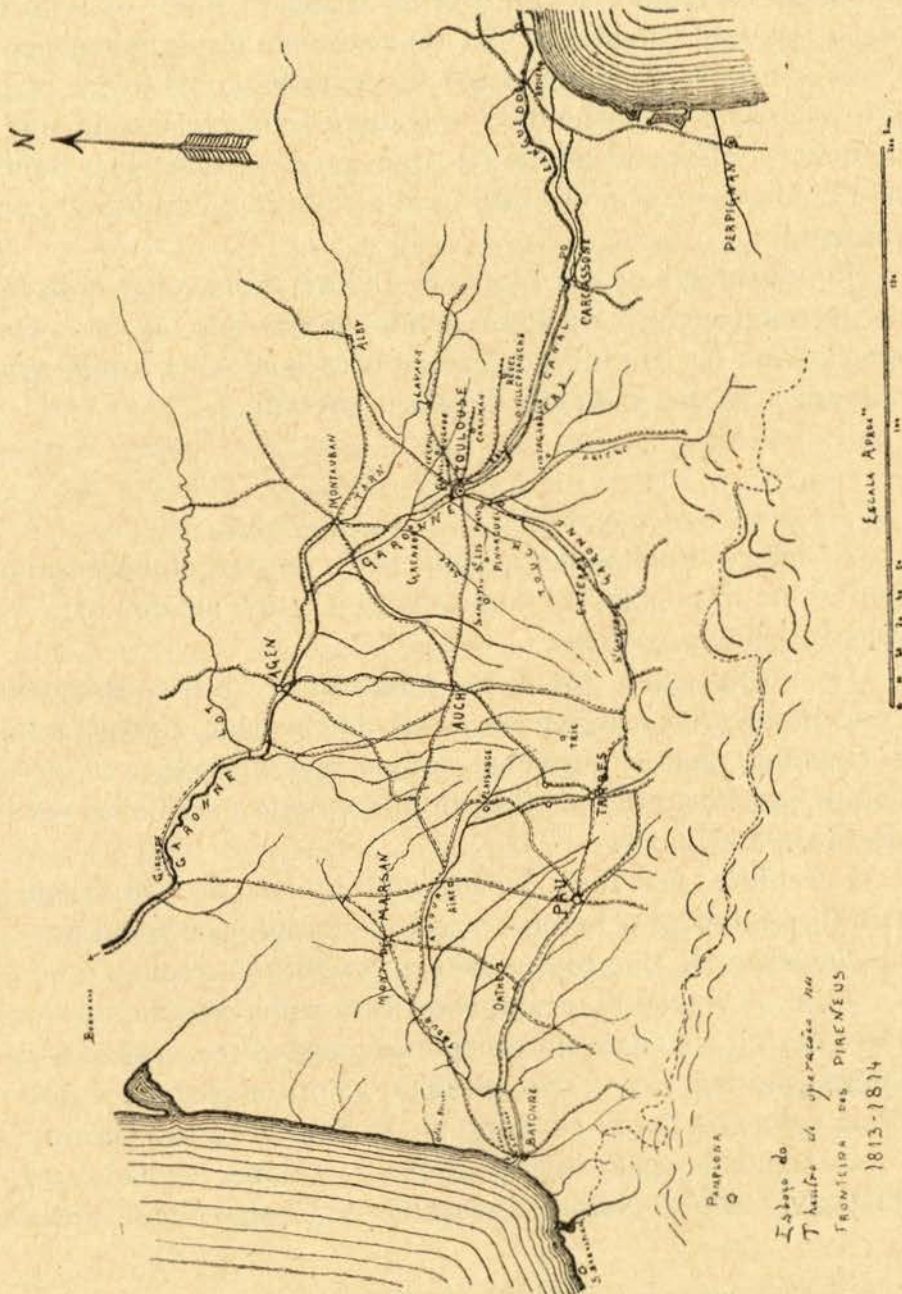
Recebidos por toda a parte com grande regosijo, exaltaram-lhes tambem o heroismo os governadores do reino numa *proclamação*, de que reproduzimos o seguinte trecho:

“Sim, portuguezes, acabou-se a campanha e os nossos illustres guerreiros voltam novamente aos seus lares, coroados de louros imortais que o seu intrepido valor, constancia e disciplina colheram desde as margens do Tejo até ás do Garona <sup>1</sup>.

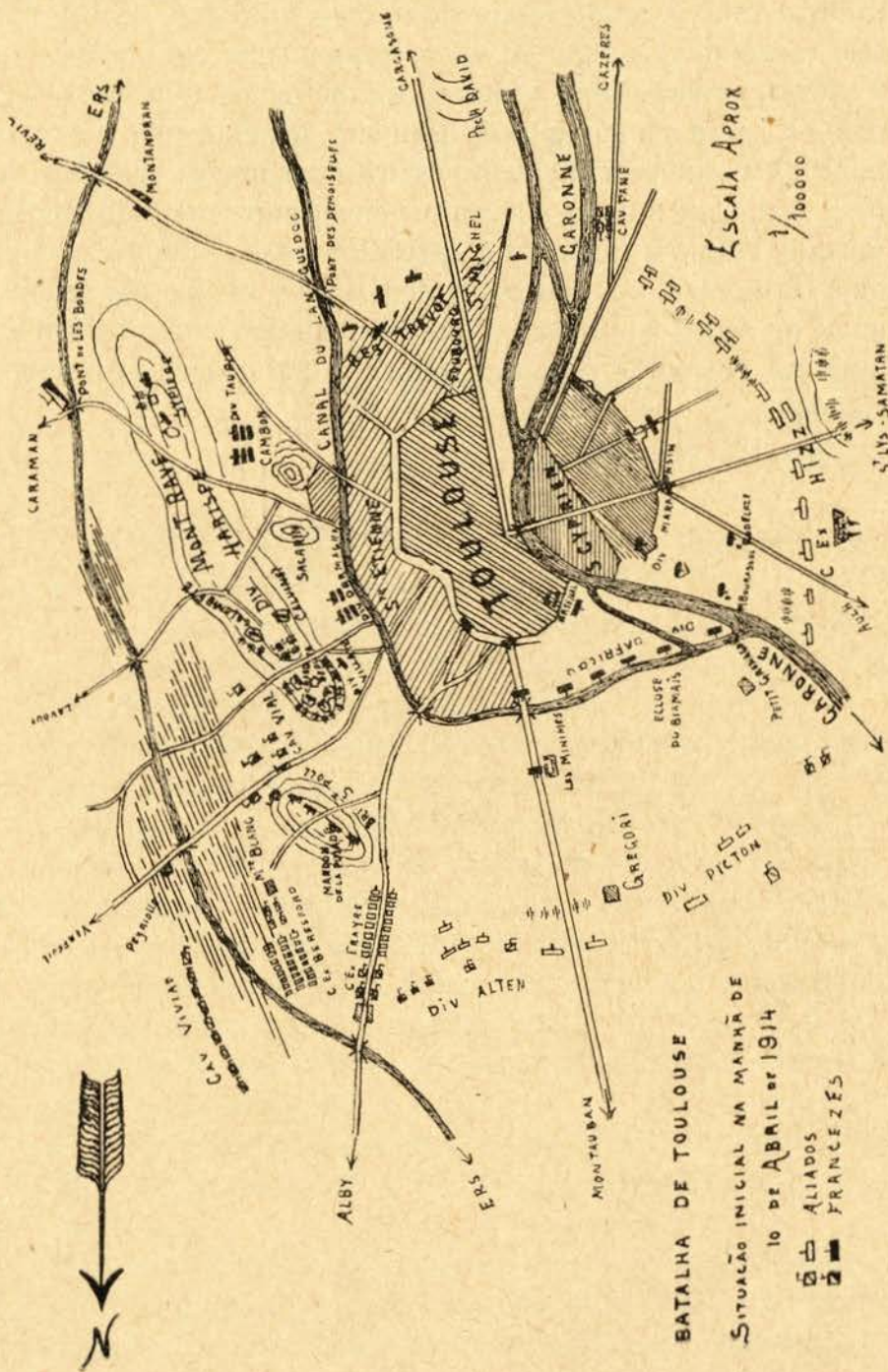
Comandados pelo invicto duque da Vitoria, formados pelo infatigavel zelo do valoroso marquês de Campo Maior, e tendo

<sup>1</sup> Memorias do capitão inglês Kincsid, citadas por Napier.

á sua frente generais de primeira ordem de uma e outra nação, eles combateram nas mesmas fileiras com os seus camaradas ingleses e espanhois e realçaram a gloria do nome portuguez, mostrando-se d'ignos sucessores dos antigos herois que nas quatro partes do mundo arvoraram o estandarte das quinas lusitanas».



Béresford, tendo ido com licença a Inglaterra, quando regressou a Portugal fez publicar em *Ordem do dia* (27 agosto 1814) que os serviços prestados pelos oficiais e soldados do exercito português não podiam ser demasiadamente louvados e realçados em feitos de armas e disciplina, rematando assim:



«Soldados! Depois de vos terdes mostrado em campanha iguais aos melhores soldados da Europa, haveis patenteado, durante uma marcha de tres meses por pais amigo, que sois capazes de excedê-los em boa conduta, ordem e disciplina; e esta marcha vos faz como homens tanta honra quanta durante a guerra tendes adquirido como militares. Aceitai por isso os agradecimentos do vosso comandante em chefe».

Estas consoladoras palavras do marechal Béresford que, como é sabido, nada tinha de lisonjeiro, devemos nós procurar imprimi-las indelevelmente no espirito dos nossos soldados de hoje, para que um dia, porventura em circunstancias identicas, possam adquirir o direito a iguais louvores, imitando a conduta exemplar dos nossos antepassados de ha um seculo, quer no valor e brio com que combateram como soldados, quer na correcção e patriotismo com que procederam como cidadãos.

14-abril-1914.

LUIZ A. F. MARTINS,  
Cap. d'art.



## CORONEL SÁ CHAVES

---

A Empresa da *Revista Militar* regista hoje, com o maior sentimento, a morte do seu consocio e um dos seus mais distintos colaboradores, o coronel de cavalaria Francisco José de Oliveira Sá Chaves.

O desditoso oficial, era um apaixonado pela carreira das armas, a elas dedicando-se de alma e coração.

Militar brioso, e duma grande modestia, era um entusiasta pelo hipismo, vindo, a final, a ser vitima dele quando, a cavallo, se dirigia para o Parque de Palhavã.

Sá Chaves não era velho, pois apenas contava pouco mais de 56 anos, embora aparentasse mais idade.

Assentou praça em 18 de outubro de 1876.

Tendo concluído em 1882 o curso da sua arma na antiga Escola do Exercito, foi promovido a alferes em janeiro de 1883, a tenente em fevereiro de 1894, a capitão em agosto de 1901, a major em junho de 1910, a tenente-coronel em fevereiro de 1913, e, por fim, a coronel em setembro do ano passado, sendo ultimamente o comandante do regimento de cavalaria n.º 2, onde era muito estimado.

A maior parte dos seus 33 anos de oficial passou-os arrematado (Cavalaria n.ºs 2, 4 e 9) e na antiga Escola Pratica de Cavalaria.

Numerosas foram as comissões de serviço que desempenhou, devendo-se citar, dentre as mais importantes, as seguintes: vogal adido á comissão de aperfeiçoamento da arma, vo-

gal da comissão para proceder á elaboração de um regulamento de tiro para as armas portateis, vogal da comissão encarregada de proceder á experiencia e indicar o modelo de metralhadoras a adquirir para a arma de cavalaria, vogal do juri que em 1912 teve de avaliar as provas dos candidatos ao posto de major da arma de cavalaria e do juri do campeonato do cavalo de guerra, director do curso tactico de cavalaria, vogal permanente, em 1914 e 1915, do juri de exames de capitães candidatos ao posto de major, vogal da comissão tecnica de cavalaria.

O coronel Sá Chaves era um brilhante escritor, deixando em numerosos artigos e em varias obras, afirmados os seus profundos conhecimentos, já versando questões de tactica, estrategia, remonta, etc., já ocupando-se, sobretudo, da historia militar do nosso país, trabalhos estes que ainda lhe permitiam entregar-se a obras literarias.

Iniciou a sua colaboração nesta *Revista* em 1896, passando a fazer parte da Empresa da mesma em 1908.

Em 1911 e 1912 os seus colegas elegeram-o vogal suplente da direcção e em 1913 passou a efectivo, sendo, desde então, até á data do seu falecimento, nosso dedicado companheiro neste trabalho, por vezes ingrato, que só bem apreciam aquelles que das vigílias jornalisticas já teem participado.

A seguir damos uma relação dos seus artigos, sobre assuntos os mais variados, insertos na nossa *Revista* :

*Resolução de alguns problemas tacticos* (propostos na Escola Practica de Cavalaria, durante o periodo de 1895-96) (1.<sup>a</sup> serie, t. XLVIII, 1891, pp. 609-614 ; 645-648, 683-688, 717-725, 747-755).

*Patrulhas de oficial* (1.<sup>a</sup> serie, t. XLIX, 1897, pp. 33-38, 82-88, 110-116, 141-145, 163-172).

*A equitação militar* (1.<sup>a</sup> serie, t. L, 1898, pp. 397-401).

*Moçambique* (1896-1898)<sup>1</sup>, (1.<sup>a</sup> serie, t. LI, 1899, pg. 289-296, 333-342, 361-367).

*O exercicio com fogos reaes* (1.<sup>a</sup> serie, t. LI, 1899, pp. 518-526).

*Reconhecimentos mltitares* (1.<sup>a</sup> serie, t. LV, 1903, pp. 9-17, 35-48, 80-85, 107-113, 135-139, 171-178, 230-237, 262-266, 307-312, 335-338, 402-411).

<sup>1</sup> E' uma desenvolvida apreciação do celebre livro, sob o mesmo titulo, de J. Mousinho d'Albuquerque.

Este trabalho, do qual uma separata apareceu, no mesmo ano, foi elogiado em *Ordem do Exercito*.

*A cavalaria no campo de batalha* (1.<sup>a</sup> serie, t. LVI, 1914, pp. 46-51, 80-87, 109-115, 142-145, 182-186, 210-214, 242-245).

Este trabalho que foi reproduzido em volume em 1904, em 1906, constituindo um «Manual de cabos e soldados», tambem foi elogiado em *Ordem do Exercito*.

*A cavalaria portuguesa nas campanhas de 1916-1911* (2.<sup>a</sup> serie, t. LVII, 1910, pp. 768-793),

*Problema tactico sobre a carta* (2.<sup>a</sup> serie, t. LXIV, 1912, pg. 215-305).

*A invasão de 1580* (2.<sup>a</sup> serie, t. LXIV, 1912, pp. 909-959). Deste formoso estudo, versando um assunto que constitue uma terrivel pagina da nossa historia, appareceu em 1913 uma separata, de que era digno, sob a epigrafe: *A invasão do Duque d'Alba* (1580).

*A carga e os seus efeitos* (conferencia), (2.<sup>a</sup> serie, t. LXV, 1913, pp. 435-455, 511-521).

*No tempo dos franceses* (2.<sup>a</sup> serie, t. LVX, 1913, pp. 821-836 : t. LXVI 1914, pp. 128-134, 196-214, 432-447).

*Comemoração da batalha da Victoria* (2.<sup>a</sup> serie, t. LXVI, 1814, pp. 671-678).

*Um festa de cavalaria* (no fim do seculo 18), (2.<sup>a</sup> serie, t. LXVI, 1914, pp. 869-881).

*Ema torno de um problema tactico* (2.<sup>a</sup> serie, t. LXVII, 1815, pp. 222-241, 465-475, 743-758).

X. Y. (*Cartas sobre a cavalaria*), 2.<sup>a</sup> serie, t. LVIII, 1916, pp. 188-193.

Este ultimo artigo que adiante segue, foi por Sá Chaves entregue no escritorio da Empresa, horas antes de se dar o desastre que vitimou o nosso querido companheiro, Deixou-o acompanhado de um cartão — provavelmente o ultimo que escreveu — dirigido a Rodolpho Gnimarães, secretario da direcção, com as seguintes palavras: «Aqui lhe deixo um artigo pequeno, daqueles que o nosso general mais gosta. Como verá o III duma colecção já iniciada na nossa *Revista*<sup>1</sup> . . . E' uma coisa curta, para 4 ou 5 paginas, talvez. São assuntos de *Tactica geral*, na parte que me parece que a guerra actual não revolucionará de cima a baixo».

<sup>1</sup> Por esta declaração se fica sabendo que tambem são de Sá Chaves os artigos, sob a mesma epigrafe, que, assinados apenas por um Y, foram incertos a pp. 35-101 e 155-164 do t. LXVII de 1915. Assinou os artigos apenas com um Y. . . para «não estar sempre o seu nome a figurar» e para satisfazer o seu contraditor.



Sá Chaves trabalhou, portanto, até morrer, e se a Parca não o ceifasse tão cedo, dentro em pouco novo artigo teríamos para publicar, pois já o dava a entender no final do seu ultimo escrito, quando diz: «Sem mais e até breve».

O coronel Sá Chaves não escreveu apenas na nossa *Revista*. Foi igualmente colaborador da *Revista de Cavalaria*, de curta duração, onde publicou:

*Os fogos de cavalaria e a infantaria montada*, (t. I, 1904-05, pp. 216-218, 245-250, 280-285; t. II, 1905-06, pp. 10-27, '85-91, 149-153).

*A cavalaria na campanha da Mandchuria*, (t. II, 1905-06, pp. 281-289, 312-320, 323-334, 355-365; t. III, 1906-07, pp. 1-15, 41-54, 79-93, 116-330, 152-166, 175-191, 214-229, 247-256).

Tambem colaborou na *Revista de Estudos Livres* (Questões militares, ensaios de filosofia de guerra, arte, critica, etc.) e no *Diccionario da vida pratica* (secções militar, gymnastica, esgrima e caça).

Foi emfim director, desde a fundação, em 1911, da *Revista ilustrada* da «Sociedade hipica portugêsa», onde ordinariamente escrevia a «Crónica».

\*

Passemos agora a fazer menção dos opusculos e volumes que deixou este trabalhador infatigavel, que nem as mais duras crueldades do Destino lhe bastaram para o arrancar da sua carreira de estudioso. São as seguintes:

*Contos nacionais*, Penafiel 1884.

*A questão palpitante*, 1891.

*Episodios militares e casos contemporaneos*, Porto, 1891.

*De leve*, (notas na carteira d'um contista), 1892.

*Romance da cigarra*, (tradução), 1899.

*Discurso inaugural* (que recitou na sessão solene de abertura dos trabalhos da Escola pratica de cavalaria, periodo de 1901-1902), Lisboa, 1902.

*Telegrafia optica* (seu papel tactico e estrategico), Lisboa, 1903.

*A cavalaria nos exercitos modernos*, 1907. (Memoria apresentada e

premiada<sup>1</sup> no *Certame internacional dos Estudios militares*, de Madrid). E' esta Memoria dividida em três partes: Utilidade da cavalaria; Arma metralhadora, e Serviços especiais.

*A batalha da Asseiceira* (16 de maio de 1834)—Memoria historico-descriptiva.

Este volume, brilhantemente escrito, teve 3 edições, sendo a 3.<sup>a</sup> em 1907. Esta ultima foi traduzida para italiano pelo capitão de cavalaria Emilio Salaris.

Pela *Nota* preambular<sup>2</sup>, datada de 1903, vê-se que este primoroso estudo teve origem em um exercicio de quadros executado a 19 de junho de 1902 pelos aspirantes em tirocinio, ao tempo, na Escola pratica de cavalaria, e cujo instrutor era Sá Chaves. Este, dado o ponto de vista em que se colocou para descrever a batalha da Asseiceira, entendeu que a sua obrigação como oficial e o seu desideratum como artista, era *mostra-la*, isto é fazer com que o leitor assistisse a ela. «E', empregando as suas proprias palavras, indicar-lhe, ainda que ao de leve, o campo de acção; é obriga-lo a *escutar* o ribombo da artilharia, o crepitar do fogo das espingardas, o traquinar das granadas e a surriada das balas; é constringe-lo a *ouvir* as proclamações, as vozes de comando, o ruido das patas dos cavalos, os gritos, os lamentos e os alarmes, é sugestiona-lo por todos os modos, é transporta-lo, enfim, á Asseiceira de 16 de maio de 1834!». E conseguiu-o.

*Em campanha (Ensaio de tactica de ligação das três armas)*, em resposta ao *Combate da infantaria contra a cavalaria* do tenente do estado maior de infantaria sr. Mello e Athayde, 1908.

*Subsidios para a historia militar das nossas lutas civis (As campanhas de meu pai)*. E' uma obra de largo folego. Submetida á apreciação da Academia das Sciencias de Lisboa, entendeu esta douta corporação dever manda-la publicar. O vol. I (*A campanha de 1823*) já o foi, em 1914. O vol. II<sup>3</sup> está em vespervas disso.

O livro publicado é, como muito bem diz o sr. Christovão Aires, no parecer que redigiu por incumbencia da 2.<sup>a</sup> classe da Academia, uma analyse documental, feita sob um criterio lucido e imparcial das campanhas a que o pai de Sá Chaves (coronel do regimento de cavalaria n.º 5, em 1834) assistiu e tomou parte, «mas fa-lo sob o ponto de vista historico, dando a seu pai, no quadro geral, que traça com rigor, o papel que ele teve; e delineando os quadros com as linhas e tintas proprias, em que se

<sup>1</sup> Esta Memoria alcançou o 2.º premio, o qual constava de uma medalha de ouro, a publicação do livro em varias linguas e um premio pecuniario, que Sá Chaves não aceitou.

<sup>2</sup> Esta Nota e a Introdução saíram publicadas no t. III, 1906-1907 (pp. 267-276) da *Revista de cavalaria*.

<sup>3</sup> Divide-se este volume em três partes: *A campanha da poeira* (1823); *A Abritada* (1824); *De armas ensarilhadas* (1824-26).

movem e as agitam outras figuras, em alto relevo, traçadas com mestria, e com as côres e proporções próprias».

Por terem particular significação, transcrevemos alguns outros trechos do dito parecer: «O pretexto da obra que analisamos são os factos passados em volta dum homem; mas a verdade é que este quasi desaparece no tumultuar das idéas e das paixões, dos interesses e dos principios, que mutuamente se degladiam. O que fica de pé são os factos, são os homens que os produziram.

E' um capitulo integro da historia do país. Esse capitulo é visto e escrito a uma luz nova, «com esmiuçado cuidado, com sensibilidade de artista, e com a ponderação de official». São palavras estas do proprio autor, que reproduzimos.

Sobre as batalhas e episódios militares aqui descritos pouco havia escrito com cuidado e sob um ponto de vista superior. Os autores coevos, e os que vieram depois, foram chamados a depor; e, em seguida, «socorrendo-se quer dos conhecimentos que possuia da tactica desse tempo, quer do relevo e fórma do terreno, —palco em que se representou a tragedia—, o sr. Sá Chaves viu, estudou, e considerou, para concluir o que cabia dentro dos bastidores, e qual houvesse sido a marcação da scena».

Este presente volume, em três partes principais se divide<sup>1</sup>: 1.<sup>a</sup> *O testamento oral*, do pai do autor, que consta de poucas paginas apenas, e é o argumento impressivo e empolgante da sua vida, pretexto á narrativa interessante das lutas e episódios da época; 2.<sup>a</sup> *A Genesis*, ou um meio cento de paginas em que são apresentados os Trás-os-Montes e os transmontanos nos primeiros vinte anos do seculo XIX; a historia e a lenda que o *folk-lore* dentre o Douro e o Tamega repetia, do «Tempo dos franceses» e da «Revolução de 20»; o poderoso glosário da contra-revolução de 1823, e o motivo determinante da entrada do pai do autor na carreira das armas; 3.<sup>a</sup> *A campanha de 1823*, que constitue a quasi totalidade do volume, escrito desassombadamente, sob o intuito historico, e que é a pormenorisação da aventura de Chaves, verdadeiro prologo das estiradas lutas civis, em que Portugal se havia de debater durante vinte e nove anos.

Neste volume se ventilam e solucionam debatidas questões que interessam, umas á historia geral do país, tal como o juramento

<sup>1</sup> Abre com a seguinte dedicatória, tão singela quanto comovente:

Meu pai:

Entre o coração de minha mãe que educaste e o caracter de meu irmão que fizeste, a minha consciencia diz-me: que sou a mais imperfeita das tuas obras. Pois bem; se a minha consciencia me dá tal certesa, a minha moral filosofica impõe-me o gostoso dever de te dedicar este livro. E como? Inscrevendo-lhe no rosto esta singela e concisa Dedicatória: Fizeste a tua peor obra creando-me. Quero fazer a minha melhor obra a venerar-te.

Francisco.

da Rainha em 1822, e outros á historia militar portuguesa, como o plano inicial da campanha, em fevereiro e março de 1823. Nessas questões, os problemas militares, complexos e transcendentos, são sublinhados de tal modo que se tornam de facil acesso e compreensíveis, ainda mesmo aos não profissionais. O movimento clubista, contra-revolucionario, provincial, os simples pronunciamentos, os combates e as batalhas da ignorada campanha de 1823, em riba-Douro, são estudadas, pormenorisadamente e discutidas nos seus lances os mais visíveis e nas suas fases as mais quentes. O estudo e descrição fazem-se acompanhar, immediata e successivamente, da contra-prova documental, constituida por officios, participações, relatorios, noticias e cartas particulares. apparecidas, a maioria delas, nos órgãos da imprensa official e officiosa, affecta ou contraria ao sistema constitucional que se debatia. E' por isso digna de ser conhecida esta historia, em que o autor revela o melhor das suas qualidades de historiografo e narrador de factos que interessam á nação.»

O vol. II, no prelo, da grande obra de Sá Chaves, só o conhecemos pelo erudito parecer que sobre ele deu o sr. Christovão Aires, e que vem publicado no *Boletim de 2.ª classe da Academia das Sciencias de Lisboa*, (t. II, 1915, pp. 256-259). Para se avaliar, porém, do seu valor basta ler a seguinte passagem do referido parecer: «O presente volume tem ainda mais valor do que o primeiro, quer sob o ponto de vista historico, pela gravidade e desenvolvimento dos problemas ali tratados, quer pelo que respeita á fôrma literaria, mais cuidada e segura. O estilo melhorou, ganhando em plasticidade e energia».

Tal é, em resumo, a obra de Sá Chaves. Como vemos, ele, com um trabalho continuo, presistente e proveitoso, foi dia a dia enriquecendo com as suas produções a nossa literatura militar, tornando-se ao mesmo tempo distinto entre os seus camaradas e homem de letras illustre.

Morrendo cedo, não chegou a ter a satisfação — a maior para quem lida nas lutas da intelligencia — de pertencer á Academia das Sciencias de Lisboa, suprema corporação scientifica portuguesa, cujas portas decerto não tardaria muito que lhe fossem abertas.

Perde a *Revista Militar* em Sá Chaves um dos seus consocios mais illustres, e registando, por isso nestas paginas o seu nome honrado e digno, ela presta-lhe o seu ultimo tributo de saudade e respeito á sua memoria.

A DIRECÇÃO

## X e Y

### (Cartas sobre a cavalaria)

---

Com franqueza, meu jovem e inteligente camarada, o assunto desta sua *Carta*, desvia-nos das questões principais que temos debatido.

Era desejo meu acompanhá-lo através dos diversos campos, que a sua ambição de saber o leva a transpôr numa cavalgada estonteadora.

Por mais que o *exterior* sacuda e chicotei agradavelmente os meus nervos, ainda não de todo destrambelhados pela idade, não é menos certo que me faltam os *golpes de rins* que lhe facultam á vontade nas suas *subidas* e *descidas* fantasticas. O meu amigo aborda-as e executa-as impunemente, sem precalço; eu arrisco-me a fazer da *quilha portaló*. . . o que, na minha posição, é mais do que serio, porque pode ser, pelo menos, ridiculo. . .

Aplice o conto. . . e vamos ao caso.

\*

\*      \*

O meu jovem camarada já sabe, porque muitas vezes lh'o tenho repetido, qual seja a minha opinião a respeito do acrescimento da terminologia militar, logo que se trata de introduzir expressões, que, longe de esclarecer processos taticos a seguir em casos determinados, só venham complicar e embrulhar ideias, que carecem subsistir nitidas e fixas. Recorde-se do que já acentuámos com respeito a titulos de *Ordens de operações* e ainda sobre *elementos* e *processos* a empregar e a seguir pela cavalaria na sua triplice missão: *descoberta*, *segurança* e *proteção*. Por outro lado, grave duma vez para sempre: o termo

tecnico que o superior use numa *Ordem*, deve traçar, ao subordinado, a sua linha de conduta, no caso concreto que o primeiro visa quando o delega ao segundo.

Posto isto, vejamos a sua argumentação a que eu — em observancia dos seus desejos—dou a forma que me é privativa.

Assim e resumindo-a na sua expressão irreductivel, temos:

\*

\*      \*

- Crê o meu am.<sup>o</sup>, que um *posto de flanco* é um *posto avançado*; e como consequencia,
- que ha *postos avançados de flanco*,
- que nuns e noutros a metralhadora não pode ser vantajosamente empregada, visto que nos postos avançados, salvas circunstancias especiais de defesa de pontos importantes e de passagem forçada para o adversario—pontes, vaus, diques, estradas e caminhos enterrados ou a cavaleiro, nos desfiladeiros, em geral—a metralhadora está contra indicada.
- “A guarnição dum **posto de flanco** *procede duma maneira analoga*<sup>1</sup>, mas ha motivo para fazer distincão entre os **postos de flanco** que se collocam no prolongamento da posição e *que desempenham o mesmo papel que os postos avançados* e os **escalões defensivos** que constituem verdadeiros pontos de apoio escalonados á retaguarda e fóra duma ala não apoiada a cujos defensores devem opôr uma resistencia tão energica quanto possivel<sup>2</sup>”.

E' em torno desta transcrição e apoiado nela que o meu

<sup>1</sup> A .dos *postos avançados*, cuja característica é, *não resistir além da ameaça do choque*.

<sup>2</sup> Art. 404.<sup>o</sup> do *Regulamento provisorio para os exercicios e manobras da infantaria* (belga).

caro camarada borda a sua carta e fundamenta as suas conclusões. Vejamos:

\*  
\*       \*  
\*

Ora, eu lembro-me de ter lido algures, uma interessante discussão a tal respeito; e tanto assim, que dela encontro nos meus *Apontamentos* (que muito bem conhece) uma larga referência, ainda que, por uma lastimável omissão, eu lhe não possa indicar, de momento, o nome do autor e o título da obra. Como, porém, igualmente conhece já, o modo probo como argumento e a sinceridade e honestidade literarias que ponho na forma de o fazer, conto que isto lhe baste para garantir-lhe a veracidade das citações e a lealdade com que delas me socorro.

Sempre se chamaram *postos avançados* tanto os que se estabeleciam a algumas centenas de metros na *frente* da posição, como *adeante* dos seus flancos, e cuja característica, repito, era e continúa sendo, *não resistir além da ameaça do choque*, no intuito de evitar *o serem cortados*.

E, que me não venha citar em seu auxilio, a divisão hoje consagrada de *postos avançados* de *segurança* e de *posição*, porque o distintivo entre uns e outros é bem marcado e dissimilhante, ainda que o processo, o modo de fazer, mantenha a aludida característica.

Semilhantermente existe distinção entre o significado e valor militar das expressões *retorno ofensivo*, *contra-ataque* e *contra ofensiva*, por exemplo. Estas, sim, que esclarecem e fixam processos taticos diferentes a empregar.

*Posto avançado de flanco*, para mim, reduz-se a um inutil acrescimo de termino logico, que não ilucida, e pelo contrario complica uma ideia que se me afigura posta, até hoje, com simplicidade e clareza.

No meu tempo apelidavam-se *postos de flanco* os que se estabeleciam *fóra* do flanco, mas no *prolongamento da frente* da posição.

Para me tornar mais compreensivel exemplificarei.

\*

\* \*

E' claro que uma posição de combate se não pode estender indefinidamente e que deve ser proporcionada ao *efectivo* de que dispomos para guarnece-la. Portanto, se no prolongamento da frente e fóra dum flanco não apoiado, em obstaculo natural ou obra de fortificação permanente, se encontre a bom alcance, um ponto importante, e os nossos efectivos nos não permitem estender-nos até ele, tal ponto, para não constituir um inconveniente para a posição, será ocupado por um *posto de flanco*. Pouco importa que seja um reduto, ou abrigo qualquer posto em estado de defesa. A sua importancia resulta ou da sua situação dominante ou da presença duma *mascara* que não pode suprimir-se ou, por ultimo, da concomitancia destes dois predicados.

No primeiro caso, graças ao seu largo horisonte, o *posto de flanco*, será de molde a constranger o adversario não só a desvendar (vantajosamente para a defesa) os seus movimentos, mas também a ampliá-los.

Mas, nestas circunstancias e por isso mesmo, deverá ser abandonado logo que o inimigo se aproxime e antes da ameaça do choque?

Não, de certo! Abandona-lo permaturamente, seria fazer o jogo do adversario, que, sem grandes sacrificios viria — ocupando-o — a tomar de enfiada ou de revez a posição principal e isto no proprio momento em justo era de esperar da guarnição do *posto de flanco*, o maximo e mais desesperado auxilio no intuito de evitar tal e tão grave eventualidade. Não e não! o necessario, o indispensavel, é que a resistencia aí se faça obstinadamente, até ao sacrificio, se tanto fôr preciso.

No segundo caso, isto é, quando o posto escapa ás vistas afastadas e que, por consequencia, não pode ser apercebido pelo inimigo senão no ultimo momento, ou, o que tanto monta, quando ao adversario seja difficil, senão impossivel, modificar as primeiras disposições, os defensores esconderão com o maximo cuidado a sua presença, reservando os seus tiros para os dispararem sobre o inimigo, inopinada e bruscamente e a curta distancia.

O assaltante ignorando a resistencia do *posto de flanco* (e



não é exagero admiti-lo, porque, em tese, a cavalaria do defensor pode e deve ser tão vigilante, como a do inimigo e o que basta para—dada a vantagem da *situação* tática no caso sujeito—obstar e impedir o reconhecimento a fundo e completo dos flancos) virá cair de improviso sobre o ponto ocupado ou ele proprio será atingido de flanco e na ocasião oportuna em que pronuncia o seu ataque envolvente á posição principal: Surpreendido, numa palavra, terá assim de fazer face, simultaneamente, a este novo adversario e no ataque frontal e como consequencia o seu movimento envolvente encortar-se-ha muito e muito comprometido.

Nestas circunstancias e com estas vantagens será oportuno abandonar o *posto de flanco* antes da ameaça do choque? Não e não! e pelo contrario importa defendê-lo com um fogo violento e terrivel. E para tanto, que engenho de guerra melhor do que a metralhadora?! .

Posto isto, parece-me ter provado

—que o *posto de flanco*, tal como o defino e concebo, conforme os mestres mencionaram e a pratica das campanhas o aceitam, não é um *posto avançado*, porque nestes, ao contrario daqueles, a defesa não é levada até esperar o choque;

—que para as guarnições dos *postos de flanco*, a metralhadora é indispensavel e pelo duplo motivo, da pequenez relativa do efectivo (em infantaria) que lhes podemos atribuir e pelas vantagens táticas resultantes dos recursos balísticos desses poderosos engenhos de guerra.

\*

\*        \*

Para concluir tocarei, sem profundar, no que me parece um bocadinho de obsessão da sua parte, contra a metralhadora, nos postos avançados.

Não ha duvida que os postos avançados se estabelecem (*estabeleciam*, dá vontade de dizer na hora presente) na quasi totalidade dos casos, no fim da tarde e para passar a noite; e que, com as metralhadoras ha dificuldade de *visar* e *carregar* na escuridão.

E' tambem certo que a metralhadora, uma vez assinalada a sua posição, provocará um chuvaire de balas, que lhe difi-

cultará a *rutura do combate*, enerente por assim dizer, á luta dos postos avançados.

Olhe, meu camarada: eu creio muito na eficacia da metralhadora de noite; basta para tanto que nós a *apontemos* de dia, para o ponto interessante (isto no caso de o não podermos iluminar convenientemente) e que para a *carregar*, chega o uso duma lampada eléctrica apropiada, isto é, cuja potencia iluminante a não denuncie ao inimigo.

A proposito de *rutura de combate* não vejo embaraço de maior dada a levesa e facilidade de transporte da metralhadora escolhida já para o nosso exercito; e recorde-se bem, que uma das mais notaveis propriedades tatica da metralhadora consiste exactamente na sua pouca *vulnerabilidade*. O que precisamos é empregá-la *inteligentemente*, aproveitando ou preparando-lhe o itinerario desenhado.

Sem mais e até breve.

F. SÁ CHAVES

Cor. de cav. 2.

## Obras oferecidas

- 1 Coronel João de Sousa Tavares. — **Colegio Militar — Trabalhos Manuais Educativos. 1910-1915.** — 1 opusc. (0<sup>m</sup>,25 × 0<sup>m</sup>,165) de 44 pg. Lisboa. 1915.

Muito se tem escrito já acerca da importancia dos trabalhos manuais na escola, quer sob o ponto de vista da compensação da fadiga intelectual, proveniente das exigencias do ensino moderno, quer sob o do desenvolvimento do espirito, na parte referente ao cultivo da atenção e á disciplina e educação do raciocínio. Mas, por muito que se tenha dito e escrito, o certo é que a propaganda realizada não tem colhido os resultados que se desejavam, especialmente nos países de raça latina.

Pelo contrario, na Escandinavia, na Germania, na Russia, e até no Japão, lograram notavel desenvolvimento. Talvez se haja avantajado a esses países a America do Norte, onde todas as ideias novas, que surgem no dominio da educação, são acolhidas e experimentadas com verdadeiro fervor. A teoria dos trabalhos manuais, quando logrou atingir aquele país, breve tomou a maior amplitude.

Desde os *Kindergarten*, que são destinados ás crianças dos tres aos seis anos de idade, passando pelas escolas primarias, pelas escolas secundarias, e até nos collegios e universidades tecnicas, os trabalhos manuais constituem uma parte importante da educação da mocidade americana. Por duas vias diferentes atingiu os Estados Unidos o principio da educação baseado no ensino dos trabalhos manuais.

A primeira, foi a do sistema Froebel, cujo principio fundamental assenta na formação integral da criança pela acção, regulada por um método progressivo, que tende a colocar as impulsões da actividade espontanea sob o dominio da vontade.

A segunda, foi pela via tecnica, de origem russa, conhecida sob a denominação de sistema Della-Voss, a qual, oriunda da escola tecnica superior, seguiu pelas escolas secundarias, até alcançar as classes superiores das escolas primarias, onde entrou em luta com o Sloyd, de origem sueça, que já se tinha nelas instalado.

Como é proprio da natureza mental dos americanos, não se apropriaram eles servilmente de qualquer dos sistemas, seguindo sem modificação a letra convencional das duas doutrinas, antes as melhoraram nuns pontos e transformaram em outros, dispondo em tal obra de uma grande riqueza de invenção, que torna os processos americanos como que um metodo distinto de qualquer dos outros.

O interesse do assunto ia-nos desviando, porém, do fim exclusivo desta secção do jornal, que não é apresentar divagações sobre o proprio tema das novas publicações lançadas no mercado de livros, mas dar conhecimento das mesmas, resumindo ao menor espaço a indicação dos assuntos, que esses livros se propõem tratar.

Ora, cingindo-nos a este programa, devemos dizer que na publicação empreendida pelo nosso presado camarada e amigo, depois de se apresentar em breve quadro as origens e o desenvolvimento adquirido pelos trabalhos manuais educativos nos diversos países do mundo, se entra na descrição do seu inicio (1909-1910) e do desenvolvimento que tiveram no Colegio Militar, primeiro sob a direcção do distinto pedagogista, que é o sr. Coronel Marques Leitão, e logo após (1910-1911) sob a do sr. Coronel Sousa Tavares.

Quem quizer conhecer devidamente o desenvolvimento do ensino em Portugal não se pôde dispensar de procurar e ler atentamente o trabalho a que estamos aludindo, tão variadas e completas são as informações sobre o assunto, que ele versa.

Não deve igualmente deixar de o compulsar devidamente, quem pretenda introduzir em qualquer escola, ou seja primaria, secundaria ou tecnica, os trabalhos manuais educativos. Com a maior liberalidade o autor deixou esparsos pelas varias paginas os seus processos, as suas opiniões e tudo quando pôde contribuir para a mais eficaz vulgarização do ensino respectivo, o que é proprio da sua constituição mental tão generosa e delicada.

Aumenta o valor do trabalho o facto dele ser acompanhado de interessante estampas, que, amenizando a leitura, a esclarecem simultaneamente.

E', por isso, que temos viva satisfação em deixar ficar registado nestas paginas mais esse importante serviço que, em materia do desenvolvimento do ensino em Portugal, acaba de prestar um oficial do exercito, que tão distinto se mostrou outrora na vida activa da fileira, como o é ainda presentemente no corpo docente do magisterio secundario.

- 2 **Males e remedios. Preparação de Portugal para a guerra europeia**, por João Antonio Correia dos Santos, capitão de infantaria, habilitado com o curso do estado maior. 1 vol. (0<sup>m</sup>,225×0,15), de 224 pag., com ilustrações. Lisboa, 1915.

- 3 **Lições da guerra actual. Nas trincheiras da Belgica e da França.**—Quatro conferencias no regimento de infantaria n.º 5, por João Antonio Correia dos Santos, capitão de infantaria, habilitado com o curso do estado maior. 1 opusc. (0<sup>m</sup>,225×0<sup>m</sup>,15), de 101 pag. Lisboa, 1915.

O primeiro dos livros, cuja publicação neste momento anunciamos, toma para tema uma asserção de Decken, que faz suspeitar terem sido tristes as preocupações dominantes no espirito do autor, ao tempo em que começou a lançar ao papel as suas ideias sobre os assuntos que se propu-

nha desenvolver. Mais se avoluma essa suspeita quando, voltado o frontispício, se encontra o oferecimento do seu livro — «Á memoria dos desditosos camaradas, que no combate de Naulila tão denodadamente pagaram com a vida o cumprimento do seu dever». Não se pôde dizer que tais preocupações carecessem de oportunidade no momento, em que quasi todas as nações jogam nos campos de batalha, quando não seja a sua propria existencia, a vida dos seus filhos mais válidos e preclaros.

O grande atraso na nossa preparação militar e a gravidade crescente dos acontecimentos ocorridos nos campos de batalha foi que produziram no autor das obras citadas o espirito de desalento, que nem sequer buscou disfarçar. Reconhecendo as excelentes aptidões que o nosso soldado sempre demonstrou, quando a patria lhe exigiu o sacrificio para consagração da sua independencia, o sr. capitão Correia dos Santos mostra duvidar de que elas bastem hoje para conseguir o mesmo almejado resultado, por isso que a guerra moderna tem exigencias, que outrora nem sequer se poderiam sonhar.

Abordando o estudo das causas, que tivessem contribuido para o estado de frouxidão das nossas instituições militares, o autor avança uma proposição, que difficilmente pôde ser contestada. e é a de que — «não pôde haver uma boa organização militar num Estado, quando impera o caos na sua organização politica» — Depois, estudando a nossa historia contemporanea, e vendo a terrivel preponderancia que, durante ella, sempre tem tido a politica na marcha dos acontecimentos, deixou assim que o seu espirito fosse invadido pelo desanimo na cruzada, que se havia proposto, em pró do desenvolvimento da defesa nacional. Mas, despertou-o desse desalento a leitura de um livro do general turco Izzet-Fuad-Pacha, inspector da cavalaria otomana, o qual especificando as causas da derrota do seu país na ultima campanha balkanica de 1912, teve o deliberado proposito de conseguir remedio para os males apontados, divulgando-os e combatendo-os.

A *Preparação de Portugal para a Guerra Europeia* representa no autor o rejuvenescimento do espirito de propaganda e combatividade, que sempre revelou, com o proposito deliberado de concorrer para o nosso engrandecimento militar. A par dos males, oferece os remedios para os neutralizar ou aniquilar, seguindo assim o exemplo do general turco citado. Cada capitulo da obra, representa, portanto, o produto da observação e estudo do Sr. Capitão Correia dos Santos sobre cada um dos problemas tratados, e são estes varios e de consideravel importancia.

Isto basta para convencer os nossos leitores do interesse, que o livro oferece, o que não quer dizer que a exposição doutrinal mereça sempre acolhimento sem reservas.

Quem escreve as presentes linhas, como o sr. Correia dos Santos, tambem tem sentido o espirito dominado pelo desalento, embora o facto seja devido a motivos diferentes. Dizia a sabedoria antiga — «não serem as causas o que impressiona os homens, mas sim o juizo que elles formam dessas causas». — Aquele nosso camarada examina atentamente os diversos males, que constituem o organismo militar, e vendo o seu estado de definhamento, convence-se de que, applicados os remedios que preconiza, o

dito organismo funcionaria desde logo com a maior regularidade. Não partilhamos, por nossa parte, do seu modo de vêr, mas é, provavelmente, o nosso camarada quem vê melhor.

Sempre se nos afigurou, que as ideias valem o que valem os homens que as aplicam, como asseverou um distinto escritor contemporaneo. Dizem os marinheiros, tambem, que—“quando cada tripulante está no lugar que lhe compete, o navio navega sempre bem”.—A estes dois principios atribuímos inteiramente toda a eficacia do pensamento de regeneração militar, de preferencia ainda aos processos organicos e materiais. Os espanhoes condensam no seguinte conceituoso aforismo esta orientação do nosso espirito:

«Ni mesa sin pan, ni ejercito sin capitán»

\*

\* \* \*

O segundo livro do Sr. Capitão Correia dos Santos, que agora anunciamos, é formado por quatro conferencias, que fez no seu regimento, e intitulou:

I. Os meios de acção de infantaria. As trincheiras de campo de batalha.

II. Caracteristicas dos fogos da infantaria e confronto das experiencias realizadas em Madrid com as do campo de tiro de Mafra.

III. O emprego das metralhadoras nas trincheiras e no seu ataque e defeza.

IV. 1.<sup>a</sup> parte: Combates de noite. 2.<sup>a</sup> parte: Aproveitamento do azoto do ar nos adubos quimicos e nos explosivos.

Os simples titulos, que ficam expostos, bastam para revelar o interesse que merece cada uma das conferencias. E, porque vai já longa esta exposiçào, temos de dispensar mais amplas referencias. Não terminamos, porém, sem recomendar aos leitores a leitura, que ambos os trabalhos merecem, e será justa recompensa para a infatigavel actividade com que o autor exerce a acção propagandista em pró dos progressos militares.

- 4 Comando militar da Guarda. 16 de janeiro de 1916. **Alocução** por Manuel Pereira da Silva, tenente-coronel de infantaria e comandante do R. I. R. n.º 12, na apresentação da Bandeira Nacional aos recrutas do regimentos de infantaria n.ºs 12 e 34. 1 opusc. (0<sup>m</sup>,20 × 0<sup>m</sup>,14) de 15 pag. Guarda, 1916.

O presente opusculo contém uma nova proclamação do sr. tenente-coronel Pereira da Silva, destinada a exaltar os sentimentos patrioticos nos soldados, levantada missào essa a que aquele oficial dedica toda a sua solicitude, o que merece o aplauso de quantos presam o bom nome das instituições militares e as glorias nacionais.

M. S.

# CRÓNICA MILITAR

## Alemanha

**A camara fotografica automatica empregada pelo exercito.** — O comandante duma força atacante tem precisão de conhecer tanto as posições do inimigo como possuir uma reprodução do panorama que oferece o terreno onde vai desenvolver a sua ofensiva.

A camara fotografica automatica empregada pelo exercito alemão, é um aparelho que se deita ao ar como um foguete, e munido duma camara fotografica, esta reproduz automaticamente a uma altura relativamente baixa.

Os aeroplanos não substituíram, como se poderia julgar, a camara fotografica. Os aeroplanos, dirigiveis e balões cativos, ficavam muito expostos á altura em que o emprego da camara automatica é util.

Recentemente, o inventor de camara automatica, Alfredo Maul, publicou uma descrição do aparelho no *Technische Monatshefte*, donde se transcreve o seguinte trecho :

«Vai já em 15 anos que concebi a ideia de uma especie de foguete, capaz de arrastar uma camara e ser dotado de um para-quedas, com o fim de tirar uma fotografia do panorama em certa extensão».

Passaram-se anos antes que o inventor aperfeiçoasse o que foi o produto imediato da sua imaginação criadora.

A primeira camara volante que alcançou exito reproduziu o panorama dos arredores de Dresde.

Quanto ao seu funcionamento, diz o inventor: «O foguete é preso electricamente por meio de um ligeiro cabo a uma distancia de 300 pés. O segundo impulso electrico faz subir o foguete. Em 8 segundos chega o aparelho á altura de 1:600 pés (488 metros).

«Pouco antes de alcançar o maximo de elevação, um contacto electro pneumático põe em movimento o obturador e quasi simultaneamente abre o paraquedas».

A fotografia é assim obtida. A operação é tão rapida e o aparelho tão pequeno, que sobe e desce em muitos casos sem poder ser visto pelo inimigo.

As fotografias da camara volante ou camara foguete, como tambem se tem chamado, apresentam a vantagem de dar detalhes completos do terreno, que não se obteem tomando fotografias de maior altura por outros processos.

## Estados-Unidos

**Escolas militares em Kansas.**—Estão situadas em um ponto conveniente do Estado de Kansas, no centro do país, no antigo forte Leavenworth.

O fim da Escola "Army Service School", é melhorar a preparação dos oficiais e compreende o estudo do Serviço do Estado Maior; comunicações; engenharia; serviço de campanha e parte militar do serviço medico.

Cada regimento de artilharia, cavalaria e engenharia dos que se encontram nos limites dos Estados-Unidos e ilhas Havan, indica um oficial que voluntariamente queira frequentar os cursos, devendo satisfazer ás seguintes condições :

- a) Ser capitão com 5 anos ou mais de antiguidade no posto ;
- b) Fazer um exame de entrada ;
- c) Ter boas informações dos chefes ;
- d) Ser completamente são, comprovado por exame medico : Qualquer defeito na vista ou enfermidade, impede de entrar na Escola.

O atestado medico de aptidão acompanhará em qualquer caso a recomendação do comandante da unidade.

\*

A Escola de Estado maior. tem por fim instruir os oficiais que se tenham salientado na «The Army Service School», limitando o numero a 18 por ano, sem contar com as milicias.

\*

A Escola de comunicações prepara oficiais do corpo de comunicação.

Completa a instrução especial dos ingressados na «Army School» e «Escola do Estado maior», na sua parte tecnica, tendo especialmente em conta a relação que existe entre o corpo de comunicações e o exercito e suas funções em tempo de guerra.

\*

Na Escola de engenharia de campanha podem ser admitidos anualmente até ao numero de 10 alunos do exercito regular e os de milicias que satisfaçam ao exame de admissão.

\*

A Escola de serviço em campanha e correspondencia para medicos, está dividida em duas partes :

- 1.º) Á qual assistem pessoalmente em um curso especial ;
- 2.º) Por correspondencia, remetendo aos seus destinos temas, trabalhos, etc., que colleccionarão.

\*

A segunda Escola está em «Fuerte Riley»; tem por objecto o aperfeiçoamento dos oficiais montados e compreende :

1. Escola de equitação ;
2. » » veterinarios e ferradores ;
3. » » padeiros e cozinheiros.

Na Escola de equitação efectuaram-se 4 cursos : um de oficiais superiores (caso não hajam suficientes para constituir turmas de 18, completar-se-ha o numero com capitães dos mais antigos).



Um curso, 1.º ano, para oficiais de campanha; 40 entre capitães e tenentes.

Um curso, 2.º ano, para oficiais até ao numero de 10, que se tenha distinguido no curso anterior. Durará um ano, praticando muito para que possam ser classificados de instrutores especiais ou recomendados para cursos de algumas Escolas estrangeiras.

Um curso para sargentos; um para cada regimento de cavalaria, cuidadosamente escolhido pelo seu respectivo comandante.

Na Escola de veterinarios e ferradores, haverá dois cursos de 5 meses cada um; para ferradores o curso será de 6 meses. Os que sendo bons, mas que não hajam sido reconhecidos aptos, farão um curso extraordinario de 2 meses.

Na Escola de padeiros e cozinheiros o curso dura 4 meses; mas depois de 3 meses se o comandante da sua especialidade o considerar apto, passar-lhe-ha certificado de «apto».

Em compensação aqueles que sendo bons, mas que nos 4 meses de duração do curso não possam ser considerados «aptos», concede-se-lhe mais um mês de pratica.

Esta Escola provê de padeiros os regimentos do departamento do Centro e Sul. Monterrey os do Oeste e Washington os de Leste.

## Inglaterra

**Gazes asfixiantes — Invento de Maxim.** — E' a primeira vez, na presente guerra, que se faz uso de gases asfixiantes como arma de ataque contra o inimigo.

A idéa, porem, não é nova, como se pode vêr nas Memorias do *Broara of Ordenance and fortification, War Departement*.

Segundo aquelas *Memórias*, os gases deveriam, contidos em bombas, ser lançados dentro das linhas inimigas, produzindo efeitos que variassem entre o sôno e a morte instantanea.

Em contraposição a esse mortifero elemento de combate, de que se tem servido os alemães na guerra actual, empregam os franceses uma granada de mão, contendo no seu interior substancias quimicas tais, que dão origem a um gaz destinado a produzir uma paralisia temporaria, uma vez aspirado, mas que não tem efeito mortifero.

Uma comissão belga designada para investigar o que havia relativamente á violação dos princípios de direito internacional, em seu relatorio de 29 de abril ultimo, verificou a existencia de nuvens de gases com uma extensão de 300 pés, que eram arrastadas das linhas alemãs para as dos aliados pela acção do vento.

Estas nuvens apresentavam uma côr esverdeada na base, tornando-se de um amarelo brilhante para a parte superior, e eram produzidas por varias especies de gases, na sua maioria desconhecidos, entre eles predominando, todavia, a *clorina* e os vapores nitrosos de anhidrido sulfuroso.

Quando os alemães resolvem emprega-los, acendem inumeras fogueiras na frente da sua primeira linha de trincheiras e nelas lançam as substancias destinadas a produzi-los. Formam-se então espessas e enormes nuvens de fumo, que são arrastadas pelo vento para os entrincheiramentos do inimigo. Este,

inteiramente envolto por aqueles vapores sufocantes, é tomado de uma especie de pasmo ou estupor, seguido de paralisia e incapacidade para a menor reacção.

E' um estado morbido que dura ás vezes 3 e 4 horas.

São ainda empregados os gases sufocantes em projecteis, ou em cilindros de aço reforçados, onde são eles encerrados e comprimidos sobre alta pressão, e que, uma vez projectados no campo inimigo, ao explodirem, produzem os mesmos efeitos das nuvens de fumo, e exercem a sua acção a meia milha de distancia.

Existem tambem, e são empregados mui comumente pelos alemães, uns projecteis especiais, proprios para serem lançados pela mão dos combatentes, tal seja a distancia em que se encontrem eles dos seus adversarios. São as granadas de mão contendo tambem gases asfixiantes.

Segundo informações prestadas por um prisioneiro alemão, na frente de toda a linha occupada pelos exercitos acham-se collocados cilindros de gases sufocantes, á distancia de seis pés uns dos outros.

Os individuos incumbidos de emprega-los estão munidos de capacetes apropriados, destinados a protege-los contra os efeitos dos gases; e o restante das tropas é munido de mascaras protectoras.

Segundo a opinião do dr. John S. Haldane, enviado á França para estudar a natureza e os efeitos dos gazes asfixiantes empregados pelos alemães, os casos fatais são produzidos pela bronquite aguda e asfixia lenta, determinadas pelos efeitos irritantes dos vapores de clorina e bromina, particularmente empregados pelos alemães.

Sendo estes gases mais pesados que o ar, avolumam-se nas partes inferiores, proximas á superficie da terra, e assim acumulados são impelidos em grandes e espessos blocos para as linhas adversarias.

O seu emprego é sempre precedido de um continuo e vigoroso bombardeamento das posições inimigas, seguindo-se, então, o lançamento dos cilindros de gases asfixiantes.

Depois do tempo preciso para que sejam eles impelidos para a frente, avança a infantaria para o assalto, abrindo caminho atravez de uma massa de individuos espavoridos, extacticos e incapazes de agir.

Segundo referiu uma testemunha ocular. os alemães pretendiam efectuar um ataque nas proximidades de Yprès, em 20 de abril ultimo; mas só o fizeram a 22, quando o vento se tornou favoravel.

Quando os alemães puzeram em pratica o emprego dos gases asfixiantes contra as tropas aliadas, apressou-se o governo inglês em munir os seus soldados de elementos que os preservassem dos efeitos nocivos daqueles gases.

Foram adotadas as mascaras respiratorias, que dentro em breve se tornaram empregadas pelos outros aliados.

Estas mascaras, cujos resultados foram bem satisfatorios são feitas de uma substancia que as torna transparentes e encerram no interior uma composição que, uma vez em contacto com a humidade da respiração, desprende amonia em quantidade suficiente para neutralizar a acção daqueles gases.

E' um aparelho disposto de modo a ajustar-se á cabeça do soldado, cobrindo inteiramente a bôca e o nariz.

Hiram Maxim, cuja personalidade scientifica é de reputação firmada ha

um quarto de seculo, tem-se occupado de resolver o problema da protecção contra os gases asfixiantes empregados pelos alemães, desde que aos sabios ingleses foi dirigido um apelo nesse sentido.

Diz ele que as mascaras respiratorias usadas actualmente oferecem ao soldado uma protecção muito pequena e fraca, e são muito incomodas e embaraçosas.

Para anular os efeitos dos gases asfixiantes empregados actualmente por todos os combatentes, apresenta um invento baseado nas seguintes considerações: «sendo os vapores de cloro duas vezes e meia mais pesados que o ar e misturando-se com este em proporção directa no trajecto percorrido, quando chegam ás linhas inimigas contém já uma proporção minima de 90 % de ar.

O seu peso, portanto, é apenas superior ao do ar que o envolve. E' evidente que em tais condições, para elevar essa nuvem extremamente leve e faz-la passar por cima das cabeças dos soldados, tornando-a, portanto, inofensiva, basta obriga-la a misturar-se com maior volume de ar.

Para obter tal resultado, imaginou ele um aparelho muito simples, de construção e emprego facéis e relativamente pouco dispendioso.

Confiado no pleno exito da sua descoberta, que se acha em experiencias, assegura Maxim as suas grandes vantagens e seus beneficios.

Oxalá que tal invento seja ratificado pela pratica, em prol da humanidade e da civilização.

## Servia

**A derrota da Servia pelo canhão.**—Henry Barly, testemunha de todas as operações do exercito servio, desde os primeiros momentos da invasão germano-bulgaro, conta no *Le Journal* as suas impressões de campanha e explica desta forma as causas do desastre da Servia.

«Da Servia—diz—não ficou uma polgada de territorio. Do exercito servio, os soldados que escaparam á morte e ao inimigo conseguiram chegar á costa adriatica.

Assisti desde o principio a todas as jornadas da atroz agonia daquela pequena nação e do seu heroico exercito; percorri com ele todas as dolorosas étapes do espantoso calvario.

Convem separar os ensinamentos impressionantes que se pódem tirar deste esmagamento, sobretudo no que respeita á acção do exercito austro-alemão, que conseguiu o seu objectivo com um minimo de tropas.

Economisando um material humano que escaceia cada dia mais na Alemanha e Austria, o general Meckensen obteve o seu *desideratum*, graças a um material industrial formidavel, graças aos seus canhões de grosso calibre e graças tambem a uma artilharia numerosissima, que se entregou a uma verdadeira orgia de munições.

A mobilização bulgara coincidiu com a concentração de forças austro-alemães nas fronteiras de oeste e, sobretudo, do norte da Servia, e o alto comando servio viu claramente o que ia succeder. Propoz primeiramente ao Governo não empregar contra os austros-alemães senão modestas tropas de cobertura e lançar todas as suas forças contra os bulgaros para impedir a sua mobilização e concentração e voltar-se em seguida contra os austro-alemães.

Mas este plano implicava em si mesmo um elemento político. O governo servio teve que solicitar a sua aprovação aos aliados, e foi regeitado.

Segundo as suas informações, o Quartel general do Exercito servio (300.000 homens em numeros redondos) ia ter que combater de um lado com uns 250.000 austro-alemães, e do outro com uns 350.000 bulgaros.

O alto comando tratou de se preparar o mais urgentemente para defender o país e fazer frente aos inimigos.

Naturalmente as forças mais importantes foram enviadas para a frente dos bulgaros. Todavia, defender toda a frente servo-bulgara era irrealisavel, e como se previa que o objectivo dos inimigos era juntar-se o mais breve possivel, abrindo passagem atravez da velha Servia, tratou-se de garantir a fronteiras entre a velha Servia e a Bulgaria, emquanto que só se deixavam na nova Servia (Valle do Vardar) escassas forças combinadas com tropas de reservas.

Com esta disposição, o Quartel geueal servio julgou-se seguro de poder deter o impulso dos inimigos até á chegada das tropas aliadas que haviam sido prometidas, e cujo papel consistia em proteger a fronteira da nova Servia contra a invasão bulgara.

Contida esta, esperava o Quartel general servio receber mais tarde um socorro mais importante, que devia permitir-lhe expulsar o inimigo para fora das fronteiras e vencel-o.

Tal foi o plano primitivo do general Putnik, plano criticavel porque deixava a linha ferrea Uskub-Salonica quasi sem defesa por parte do exercito servio, e desgraçadamente, os socorros dos aliados chegaram com atraos, o que permitiu aos bulgaros logo nos primeiros dias das operações cortár esta linha, a unica que permitia o aprovisionamento da Servia.

Todavia, emquanto os bulgaros, apesar dos grandes sacrificios de homens, não conseguiam avançar na Servia, pelo lado da antiga fronteira servo-bulgara, os austro-alemães avançavam por detraz dos seus canhões.

Graças á enorme superioridade numerica da sua artilharia de campanha e de montanha e, sobretudo, graças á artilharia alemã de grosso calibre, as tropas do general Meckensen obrigaram os servios cada dia a ceder-lhes terreno.

A proporção das infantarias servia e austro-alemã era, no principio das hostilidades, segundo os proprios algarismos do alto comando servio, de um infante servio para um e meio austro-alemão. Esta ligeira superioridade de numero não impediu que nos ráros encontros em que as infantarias inimigas tiveram que medir as suas forças, fosse a vantagem para os servios.

Mas o general Meckensen tinha á sua disposição 5 baterias, quando os generaes servios apenas lhe opoz uma, e os soldados alemães, descahidos e enfermos, marchavam precedidos de um lençol de fogo e aço, ao qual nada podia resistir, á sua chegada ás posições servias, removidas por um vulcão de metralha, o seu papel, pouco glorioso, mas consistia nada maisque ocupar o terreno abandonado.

E emquanto as tropas servias eram dizimadas, as perdas das tropas austro-alemães eram minimas, exceptuando os primeiros dias das operações, quando tiverem que atravessar o Save e o Danubio.

O que desmoralisam os servios mais que a sua retirada incessante, foi que os austro-alemães não os derrotaram pela sua qualidade, nem sequer pelo

numero, mas sim por uma superioridade material formidavel e pela sua organização. Derrotaram-os porque sempre puderam levar onde fazia falta e quando fez falta, um material de artilharia e um numero de munições sempre tripla, quadrupla e quintupla se lhes podia opor.

As tropas conheciam o esforço dos franceses e volviam os seus olhares desesperados para os russos e os inglezes, de quem se esperavam sucessos, Até ao ultimo momento julgou-se que os aliados enviariam reforços suficientes, tomando a ofensiva em direcção a Veles, o que haveria comprometido gravemente a situação do exercito bulgaro, muito aventurada na nova Servia, e assim poderiam ter ficado livres, em parte, do inimigo. Essa esperança não se realisou, e as tenases inimigas, apertando cada vez mais, deram como resultado que os exercitos servios tiveram que retirar do que restava da nova Servia, e depois para a Albania.

Estava terminado!

Tudo estava invadido! Toda a servia, apoz dois mezes de guerra sangrenta, e sem que tivesse travado uma batalha decisiva, estava conquistada.

### DIVERSOS

**A colheita mundial do trigo.** — Os calculos estatisticos officiais da Inglaterra, avaliam a colheita de trigo de todo o mundo, do presente ano, em 1:433 milhões de hectolitros, contra 1:350 no ano passado e 1:431 em 1913.

A colheita mundial excede este ano de 143 milhões de hectolitros a do ano passado. A quantidade de excesso sobre o consumo dos países exportadores, avalia-se em 381 milhões de habitantes, dos quais correspondem 131,4 aos Estados-Unidos da America, 115,2 á Russia e Romenia, 37,5 á Argentina, 51,8 ao Canadá e o resto á India, Australia e Norte da Africa.

Emquanto a Russia não dá saída ao seu trigo de exportação, a Romenia está-o enviando para a Austria e Alemanha. É provavel que a procura da Grã-Bretanha, França e Italia, não seja tão insistente como no ano passado, ainda mesmo que as necessidades sejam maiores, havendo pouca probabilidade de alta no preço dos trigos, segundo accusam as cotizações do mercado dos trigos de dezembro e maio passados.

**Nova teoria da gelatina explosiva.** — A gelatina é, como se sabe, um explosivo poderoso formado de nitro-celulose lavada e purificada e nitro-glicerina muito pura. As proporções de ambos os componentes devem ser tais, que a mistura não se liquefaz nem goteja, condição esta ultima difficil de rializar, pela qual se observa com frequencia que o produto apresenta oxidações de nitro-glicerina que o torna perigoso.

Para evitar este inconveniente, convirá aumentar a proporção da nitro-celulose, o que, por sua vez, tem o defeito de diminuir a sensibilidade do explosivo e aumentar o seu preço.

O sr. Hargreaves, investigou as causas desta oxidação da nitro-glicerina, e deu uma nova teoria aêrca da constituição da gelatina explosiva.

Com respeito á dita teoria, a gelatina explosiva seria uma dissolução coloidal duma parte da nitro-glicerina da nitro-celulose, intimamente misturada com nitro-glicerina livre não gelatinizada.

A esta ultima nitro-glicerina, dever-se-ia a sensibilidade do explosivo, porque a especie de geleia ou massa gelatinosa, transmite mal ou não transmite a onda que segue á detonação.

Assim se compreende que não havendo nitro-glicerina livre no explosivo, não se produza a explosão mediante um detonador, ou ainda que a decomposição seja incompleta. Isto é, com efeito, o que se observa no caso de uma gelatina que contenha um excesso de nitro-celulose, o que gelatiniza toda a nitro-glicerina. Se, pelo contrario, a nitro-celulose é insufficiente a nitro-glicerina excede.

O autor aconselha que para evitar essa oxidação, se opere a frio a mistura da nitro-celulose e uma parte da nitro-glicerina. Forma-se assim uma gelatina a que se acrescenta o resto da nitro-glicerina, que se dissemina na massa daquela sem se combinar.

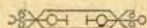
Este processo tem dado bons resultados.

**Canhões para aeroplanos.** — Quando antes da guerra se tinham ensaiado algumas peças de artilharia para aeroplanos, as experiencias não deram resultado satisfatorio em absoluto.

Nestas experiencias rializadas em tempo de paz para o armamento de aeroplanos, não se empregaram calibres superiores a 37 milímetros.

Só depois da guerra, com a aparição de novos aeroplanos militares, mudaram as opiniões acerca do seu armamento. O fabrico, sobretudo, opera todo o genero de esforços para recuperar a superioridade perdida. Os novos aeroplanos-canhão, além de levar a metralhadora usual, possuem uma peça auto-motora de 37<sup>mm</sup>, montada na parte superior do aparelho.

A maior peça usada em França nos aeroplanos, é de 6 libras, assente sobre uma maquina de 200 cavalos, que proporciona ao aparelho uma velocidade de 136<sup>kl.</sup> por hora. Os aeroplanos militares ingleses levam peças de 42 milímetros de calibre (1 1/2 libras); a velocidade do aparelho sobe a 120 kilometros por hora. A Italia dá a preferencia a uma peça de 3/4 de libra de 25<sup>mm</sup>.



# BIBLIOGRAFIA

## I—LIVROS

### Espanha

- 1 *Escuela Central de Tiro. Sección de Infantería.* Curso de 4 de septiembre á 18 de octubre de 1915. Folleto de 24 páginas. Imprenta de Cleto Vallinas. Madrid.
- 2 *Resumen general de la instrucción del Arma de Infantería en el año 1913, formulado por la 3.ª Sección de la Escuela Central del Tiro.* Un folleto de 15 páginas. Imprenta del Colegio de Maria Cristina, 1915. Toledo.
- 3 CHAO (D. Enrique Pérez) teniente de navio. *La enseñanza superior militar.* Folleto de 183 p. 1915.
- 4 *Submarinos — Conferencias explicadas en la Escuela Naval Militar,* por el capitán de corbeta D. Manuel Garcia Velázquez, en el curso de 1915.
- 5 VIVAS (D. Jesualdo Martinez) D. José Rojas Feigenspán y D. José Fernández Lacerda, capitanes de Artillería. *Pólvoras e explosivos.* Un tomo de 478 páginas, seguidas de un apéndice de 144 y de unas tablas de 28, y un atlas con 18 láminas. Precio, 29 pesetas. Imprenta de San Martín, Segovia.
- 6 CASCUEÑA (D. Epifanio) capitán de Infantería, alumno de la Escuela Superior de Guerra. *Empleo de la fortificación ligera en la ofensiva.* Un folleto de 30 páginas, editado por los Estudios Militares é impreso por Eduardo Arias.
- 7 CARRASCO (D. J. Pérez). *Episodios de la Guerra Europea.* Cuadernos 29 e 30. Barcelona. Cada caderno Cent. 25
- 8 *Memoria relativa al curso y á los ejercicios prácticos desarrollados por la 5.ª Sección de la Escuela Central de Tiro.* Folleto de 90 páginas en 4.º, ilustrado con grabados. Año 1915.

### Inglaterra

- 1 *Government Publications:*
  - THE WAR. *Internment Camp at Ruhleben.* Report, dated June 8, 1915, by U.S. Ambassador on Conditions at present existing in the Camp, including a specimen Entertainment Programme and the «Ruhleben Song». Miscellaneous, No 13. (1915) [Cd. 7863] 1d
  - MILITARY. *Army List*, Monthly, June, 1915 1/6
  - *Ditto.* Supplement. Promotions, &c. 6d
  - Handbook of Artillery Instruments, 1914.* Addendum to. 2d
  - *Ditto.* Ditto. Amendments to 1d
  - Examples of Ranging.* To supplement those given in Section 227 of Field Artillery Training. 1914 2d
  - Standing Orders, Salisbury Plain, 1913.* (Reprinted with Amendments, 1915). Headquarters, Southern Command. Salisbury 3d
  - Training Manual — Signalling.* Part II. Appendix III. Telephone Equipment: Artillery Batteries and Infantry Battalions 1d
  - 303-inch Machine Guns and Small Arms.* Nomenclature of Parts, &c. 3d
- ADMIRALTY. *Pacific Island*, Vol. 1. 1908. Supplement No. 2. 1915, relating to the *Gratis to purchasers of Pacific Islands, Vol. 1.*
- 2 BROAD (Captain W. J.) *Instruction and Training for Miniature Rifle Range Practices.* 12mo, pp. 40. Gale & Polden net 3d

- 3 «Kit» and Equipment for Active Service What to Take and Where to Carry It. By «Searchlight». 64mo, swd., pp. 24. *Forster, Groom* net 6d
- 4 LEVEY (Captain and Adjutant J. H.) *Five Instructional Lectures to Regimental Officers on the Western Campaign*. Post 8vo, pp. 87. *Fors-ter, Groom* net 2/6
- 5 LEVEY (Captain J. H.) *What to Teach on Landscape Targets*. 64mo. *Forster, Groom* 3d
- 6 *Peeps at Our Soldiers*. Illustrated. 16mo, bds., pp. 50. *Gale & Polden* net 1/
- 7 SCUDAMORE (Fk.) *Turkish for Tommy and Tar*. Oblong 32mo, swd. *Forster, Groom* 3d
- 8 STEWARD (W. Augustus) *War Medals and their History*. Illustrated. Royal 8vo, pp. 426. *S. Paul* net 12/6
- 9 TRAPMANN (Captain A. H.) *Straight Tips for «Subs»*. 2nd ed. 64mo. *Forster, Groom* net 6d
- 10 WALLACE (Edgar). *Kitchener's Army and the Territorial Forces*. The Full Story of a Great Achievement. Illustrated. 4to, pp. 104 *Newnes* 6/
- 11 WALLACE (Edgar) *The War of the Nations*. Vol. 3. 4to. *Newnes* net 5/
- 12 DANE (Edmund) *The Battles in Flanders from Ypres to Neuve Chapelle*. («Daily Telegraph» War Books) Post 8vo, pp. 192. *Hodder & Stoughton* net 1/
- 13 GUARD and Sentry Duty Simplified. By «Platoon Commander». 2nd ed. Cr. 8vo, swd. *Practical Press* 2d
- 14 LATYMER (Lord) *The Royal Marines*. 4to swd., pp. 23. *A. L. Humphreys* net 1/
- 15 MORRIS (Charles) *Famous Days: Deeds in Holland and Belgium*. Cr. 8vo. *Lippincott* net 5/
- 16 *Regimental Ribbons and Buttons of the British Army*. On sheet. *Gale & Polden* net 1/
- 17 ROBERTS (A. A.) *The Poison War*. 8vo, pp. 142. *Heinemann* net 5/
- 18 *War Budget (The)* Vol. 3. Folio. «Daily Chronicle» net 5/

## II — PERIODICOS

### Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 1 de janeiro de 1916. Novo ano, novas esperanças. O Rio industrial e a defesa nacional. O calculo das coordenadas geographicas dos vertices das triangulações rapidas lançadas no Brazil. Historia das fortificações do Brazil. A patrulha de official como orgão da missão estrategica da cavalaria. Exercito em campanha.
- 2 *Revista maritima brasileira*, n.ºs 3-4 de setembro e outubro de 1915. O estado maior sob o ponto de vista doutrinario. Evolução do cruzador de combate. Instruções para o funcionamento do motor a kerozene thornyesoph, typo M. Examinar a situação. Os acontecimentos navaes. Um resumo historico da radio telegraphia. O pulmotor Draeger

### Chili

- 1 *Revista de marina*, n.º 350 de novembro e dezembro de 1915. Apuntes sobre navegación. Aeronautica. Cierre del escalafon de oficiales mayores de administracion de la armada. Valvula de seguridad para calderas typo Cockburn Mac Nicoll. El problema de los ingenieros navales. Acciones navales 1814-1815. El bando militar a nuestros injenieros. Notas navales.

### Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Colombia*, n.º de dezembro de 1915. Discurso. Clausura de estudios en la Escuela de suboficiales. Sobre la importancia del departamento de personal. Escuela militar



— Discurso de fin de año. Escuela de suboficiales — Discurso del director al terminar sus tareas del año escolar. Adiestramiento del caballo de guerra. De utilidad para el ejército. Páginas históricas — Las legiones británica e irlandesa.

## Espanha

- 1 *Boletín del Intendencia e intervención militares*, n.º 51 de febreiro de 1916. Las Academias militares en España durante el siglo XVIII. Suplementos de crédito. Aptitudes físicas y militares de los generales, jefes y oficiales. Reducción de la plantilla del Estado mayor general y sus asimilados y amortización del 50 por 100 de las restantes de la oficialidad. Hojas de servicios. Reconocimiento de tegidos de lana y algodón.
- 2 *Estudios militares*, n.ºs de janeiro e febreiro de 1916. La guerra europea: Crónica político-militar. Valor real de las plazas fuertes. El infante y el terreno. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomados durante el curso de 1911 en la Escuela de Tiro de Infantería. Apuntes de trigonometría, ajustadas al programa de ingreso en las Academias militares. Egregio historial de la segunda Academia de Infantería. Estudio sobre el empleo táctico del fusil y de la ametralladora.
- 3 *Memorial de artillería*, n.º de janeiro de 1916. El «Memorial de artillería» al empezar el año de 1916. Notas de ingeniería: Estudio técnico sobre la moderna fabricación del cemento Portland, como base para proyecto de una instalación. Plancheta para el trazado de itinerarios a caballo. El tiro de alza única a percusión en nuestras baterías de campaña. Telemetros de costa. El poder de la artillería en la guerra actual.
- 4 *Revista de caballería*, n.º de janeiro de 1916. Honrando la memoria de varios infantes héroes anónimos. La guerra actual. Consideraciones acerca del automovilismo militar. Crónica de las acciones de la Caballería en la guerra de las naciones.
- 5 *Revista técnica de infantería e caballería*, n.º de 1 de febreiro de 1916. Biografía del Ex.º Sr. Teniente general y ministro de la Guerra D. Augustin Luque y Cuca. Estudios sobre infantería. Ensayo de Reglamento táctico para Infantería. La obra militar de la Revolución francesa. Estudio geográfico, militar y naval de España. El Marqués de la Romana: Su influencia en los sucesos de Galicia (1808-1810).

## Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de janeiro de 1916 Forza numerica degli ufficiali dell'arma di cavalleria. Da un Meze all'Altro. Mobilitazione generale e Prestito Nazionale in Piemonte nel 1792. Uno sguardo retrospettivo all'impiego e all'azione della Cavalleria nella guerra del 1914. Cronistoria delle azioni della Cavalleria nella guerra delle nazioni.

## Mexico

- 1 *Boletín de ingenieros*, de dezembro de 1915. Estudio de obras de defensa de la Estación del Tejar. «Fisiología» de las Polvoras-Trayectoria de los proyectiles de 75<sup>mm</sup>. Función social de los ingenieros. Estereo-topografía. Alumbrado eléctrico. Coordenadas de siete puntos conspicuos de Veracruz. Error de cierre de un polígono. Estudio sobre bases topográficas. Diversos: Por el camino de la gloria.

## Noruega

- 1 *Norsk militaert tidsskrift*, de janeiro de 1916. Angrup. Kriger ix. Vintorw velser ved kavaleriet Til projekliker. Meddelelser fra ind of utland.